Caixa de Pont[o]

Jornal Brasileiro de Teatro

[nº 13 - outono.2021]
ISSN 2446-5670

• antonio cunha • bárbara bublitz • carol pitzer • clarice steil siewert •
• gildon oliveira • marco vasques • paulo ramon •
• rubens da cunha • tefa polidoro • vittorio brausen •

Editorial

A insanidade não para de atropelar nossos sentidos e nossa razão. Há uma máquina de triturar vidas e sonhos que tenta se impor. O clima funesto, triste e torturador começou com o golpe parlamentar de 2016. Acumulamos desvarios depois daquele processo que impôs vergonha não apenas aos que dele participaram por interesse, mas, também, importante lembrar, com a anuência ou o silêncio das principais instituições que poderiam fazer valer o estado de direito, o respeito às regras constitucionais e resguardar um pingo de moralidade em nosso país. No campo da arte e da cultura, os ataques não cessam. Tivemos de tudo neste período. Exposições fechadas, peças teatrais perseguidas, performances canceladas, palestras interrompidas. No campo social, vimos direitos conquistados à base de muita luta sendo esmagados. Uma verdadeira cruzada de violência à comunidade negra, aos indígenas, às mulheres, à comunidade LGBTQIA+ e à infância se impôs, com a mais terrível das autorizações, isto é, com a anuência do representante máximo da Nação. O ataque à ciência, à vacina e a propaganda de medicamentos ineficazes levou vizinhos, amigos, conhecidos e familiares a uma morte desnecessária. O nome disso é crime, assassinato, genocídio! O ensino público vem sendo golpeado a cada dia. A imprensa vem sendo xingada, achincalhada a todo instante. A bandeira do Brasil virou sinônimo de ignorância e intolerância. Chegamos num dos mais perigosos momentos históricos, ou seja, estamos vivendo o tempo em que cidadãos se orgulham de seu racismo, de seu ódio, de sua burrice, de sua ignorância e de sua bestialidade. Nem falamos da mentira produzida a todo instante e reproduzida por todos os cantos. É para lutar contra tudo isso que existimos. Não basta mais resistir, é preciso existir em plena atuação. Resistir é um ato de defesa. Existir é um ato de imposição. A equipe do Caixa de Pont[o] – jornal brasileiro de teatro entra no seu sétimo ano de existência com plena certeza de estar ao lado da vida e da liberdade plenas. E os artistas que compõem esta edição estão em consonância com nosso desejo de luta por um mundo mais esclarecido, mais justo, mais permeado pela sensibilidade. Nossas escolhas artísticas são atravessadas por nossas existências estéticas, poéticas e éticas. E, sim, sabemos que "existir é negócio perigoso". Boa leitura!

RedomA EDITORA

Expediente

Editores
Marco Vasques
Rubens da Cunha

Assistente editorial e diagramadora
Denize Gonzaga

Revisoras
Denize Gonzaga
Juliana Gonzaga (espanhol)

Responsável pelo site
Paulo Ramon

Ilustradoras
Bárbara Bublitz
Carol Silva

Capa desta edição
Bárbara Bublitz

Colaboradores desta edição
Antônio Cunha
Bárbara Bublitz
Carol Pitzer
Clarice Steil Siewert
Gildon Oliveira
Marco Vasques
Paulo Ramon
Rubens da Cunha
Tefa Polidoro
Vittorio Brausen

Conselheiros Editoriais
Celso Braida
Edélcio Mostaço
Fabio Lopes
Iur Gomez
J. Guinsburg
João Roberto Faria
Marco Vasques
Níni Beltrame
Paulo Ricardo Berton
Péricles Prade
Rubens da Cunha
Sandra Meyer
Vera Collaço

Contato
Servidão Maria da Glória de Melo 77, ap. 10
Córrego Grande, Florianópolis, SC 88037-450
www.caixadeponto.wix.com/site
caixadeponto@gmail.com
48 9 9607 8049

Os textos assinados
são de responsabilidade dos autores.

1.500 exemplares impressos por

Tipotil Indústria Gráfica

“Eu sou a grota, e a Ternurinha é meu grotesco”

Por Marco Vasques e Rubens da Cunha

Foto: Divulgação.

Persona, personagem, pessoa, cena, teatro, vida, atriz, mulher, tudo se amalgama em Tefa Polidoro. Tudo nela é uma fronteira, um híbrido, um espaço de aproximações, misturas, contatos. Nesta entrevista, ela fala de sua trajetória, de seu processo criativo e da densa aproximação entre o teatro e a vida dita “real”. Além de comentar também sobre a personagem que a acompanha há anos, Grota Ternurinha, Tefa nos conta sobre outros projetos realizados, bem como sobre novas ideias que estão permeando seu universo criativo. Da mesma maneira, a entrevista aborda o pensamento político e ético da artista, assim como sua experiência acadêmica com a tese “Eu - Ternurinha: processo criativo e curativo da atriz-personagem a partir de seus excessos e vivências nas ruas, e o ativismo político e feminista que compõe suas teatropalestras”, que adentra ainda mais no território fronteiriço em que se constrói o trabalho, a vida, a mulher Tefa Polidoro.

Gostaríamos de saber qual foi o seu primeiro contato com a arte e em qual momento você decidiu que seria a arte o modo de expressão escolhido como forma de falar e estar no mundo?

Inicio a entrevista agradecendo o convite de participar deste jornal. Fiquei muito feliz por meu trabalho ter sido lembrado. Também quero parabenizar pelo movimento que vocês fazem de valorização das artes cênicas e dos/das artistas, principalmente neste momento de tanto desleixo e descarte do poder público conosco. Valeu mesmo! Bueno... Meu primeiro contato com a arte foi aos dois anos de idade, quando iniciei aulas de *ballet* clássico. Era uma criança muito ativa, que adorava assistir à televisão e imitar cantoras e bailarinas. Passava as tardes com meu avô Agostinho e com a minha vó Laura enquanto minha mãe trabalhava no escritório escutando histórias em fitas cassete, imaginando as cenas narradas e imitando as vozes das personagens. Minha mãe conta que era só aparecer alguma visita em casa que eu logo pegava meus apetrechos para fazer meus shows. Enfim, passava os dias cantando, dançando e criando histórias. A vizinhança dizia assim para minha mãe: “essa menina precisa fazer aulas de *ballet*... De música...” Então, no ano em que iria completar três anos, fui matriculada em aulas de ballet clássico na escola Margô Brusa, e, aos quatro, em aulas de piano e musicalização infantil na Academia de Educação Musical. Flertei, além do piano, com teclado e violão, e arrisquei até uma gaitinha harmônica. Hoje digo que sou como pato, que caminha mal, nada mal, voa mal, enfim, faz tudo, mas nada bem feito. Minha relação com a música é assim: defendo-me se precisar. Dancei até os 19 anos. Fui daquelas bailarinas que participavam de festivais, que viajavam para fazer cursos. Consegui alguns prêmios. Um deles, inclusive, me levou ao México, no ano de 1998, para o Curso de Verano da Escuela de Música y Danza de Monterrey, e mais uma semana de aulas com a *Cia. Nacional de Dança do México*, na Cidade do México. Desenvolvia bem no *ballet* clássico, mas aí veio a adolescência e, aos poucos, fui me desinteressando. Era uma disciplina muito rígida, que eu já não aceitava mais. Tudo era muito controlado, desde a dieta até as tantas horas de ensaio diárias. Uma professora de dança da minha cidade (Caxias do Sul/RS) até comentou com uma amiga: “Pois é, a Tefa era tão bonita dançando, mas aí ela engordou, começou a fazer teatro e desapareceu!” Adoro esse resumo da minha vida artística. Aos 15 anos, comecei a fazer aulas de *jazz*. Meu professor, o saudoso Raulino Prezzi, era ator e diretor da *Cia. Teatral Atores Reunidos*. Ele estava iniciando os ensaios de *Dona Otília lamenta Muito*, um espetáculo de esquetes escritas pela autora gaúcha Vera Karam, e, para uma das cenas, precisava de alguém que fizesse a personagem da criança. Então me convidou. A partir daí iniciei minha trajetória no teatro. Participei desta companhia entre os anos de 2001 e 2009. Aprendi demais neste período. Participávamos de muitos festivais, temporadas, intervenções em espaços variados, enfim, foi onde me criei como atriz. No ano de 2003, prestei vestibular para o curso de História na Universidade de Caxias do Sul (UCS). Sou apaixonada por essa disciplina. Porém, faltando um ano para me formar, várias dúvidas começaram a aparecer. Uma delas referia-se a eu não conseguir me ver dando aulas de história para o resto da vida. Eu andava triste, meio contrariada. Minha mãe, Cleusa Scariot, vendo meu desânimo, falou: “Por que tu está cursando história? Isso não tem nada a ver contigo. Tu sempre foi das artes, da dança, do teatro. Por que tu não tranca essa faculdade e faz vestibular para Teatro?” Não pensei duas vezes. Em final de

Ternurinha durante a palestra *Nem Uma a menos*. Foto: Mariana Rotilli.

2006, tranquei o curso de História e, no ano seguinte, entrei para o curso de Teatro - Bacharelado, com ênfase em atuação, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Foi a partir daí, aos 21 anos, que decidi viver das artes. Em que momento nasceu a Grota Ternurinha?

Ternurinha nasceu no ano de 2009, durante minha graduação em Teatro na UFRGS, mais especificamente na disciplina de Composição de Personagem II, ministrada pelo professor Xico de Assis. Naquele momento, investigávamos a bufonaria e percorríamos as ruas de Porto Alegre buscando referências de pessoas, animais e objetos para compor nossas figuras. Foi com essas experiências que a "casca" da Ternurinha nasceu. Chamo de "casca" algumas das características corporais que carrego ainda hoje daquele período: olho esquerdo fechado por ser purulento; dentes estragados; várias calças vestidas e arriadas, o que dificulta minha locomoção pelo espaço; e a voz anasalada e rouca. Como justificar essas escolhas? O olho purulento e os dentes estragados são decorrentes da higiene precária e do difícil acesso de Ternurinha aos serviços médicos e odontológicos. As calças são arriadas porque não tem um lugar para guardá-las, ao mesmo tempo que ela também não quer usar as mãos para carregá-las de canto em canto ("Quando tá frio, eu puxo todas para cima; quando tá quente, eu abaixo e continuo tocando a vida", como diria Ternurinha). A voz rouca é pelo excesso de álcool e de cigarro (muito comum entre as pessoas em situação de rua com quem convivi durante os percursos.) No ano de 2015, a Marcha Mundial das Mulheres de Caxias do Sul, movimento com o qual me organizava quando estava pela cidade, estava arrecadando dinheiro para um encontro da Marcha Mundial das Mulheres da América Latina, que aconteceria no Uruguai. Para isso preparavam uma festa, com atividades artísticas, uma espécie de sarau, e me chamaram para ser a mestra de cerimônia. A ideia era fazer uma mestra que entretivesse também entre uma atividade e outra, para não deixar aquele espaço vazio entre as atrações. O mote da festa era "Primavera dos Corpos" (se não me engano, era isso). Lembrei, então, a Ternurinha. Pensei: "Talvez fosse interessante trazer a personagem que é uma mulher em situação de rua para o momento de visibilidade." A partir daquele dia, Ternurinha começou a ser convidada por outras frentes e movimentos sociais para exercer o papel de mestra de cerimônia. No ano de 2016, concluí meu mestrado na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC): investiguei o processo criativo cênico e feminista de *Due Lati della Campana*, espetáculo conduzido por mim, por Márcie Vieira e por meu avô Agostinho Scariot que tratava da história da minha tataravó Marieta Scariot, sob orientação da professora Dra. Maria Brígida de Miranda (Brígida, como a chamo). Neste mesmo ano, ingressei no doutorado, também na UDESC e sob orientação da Brígida. Logo no início do curso, desenvolvi o que a psiquiatria e a psicologia chamam de TAG (Transtorno de Ansiedade Generalizada). Eu não conseguia mais sair de casa, sentia medo de tudo, medo de morrer a qualquer momento. Os sintomas eram horríveis: sudorese intensa, insônia, taquicardia, vontade de chorar. Assim, voltei a morar

na casa da minha mãe, Cleusa Scariot. Nas raras vezes em que eu saía para tentar encontrar amigos em alguma mesa de bar, era comum acabar a noite sentada pelas calçadas com pessoas em situação de rua. Eu conversava e dividia bebidas com elas. Sentia-me à vontade, não me sentia julgada ou pressionada a nada. Era uma sensação muito libertadora. Passei, então, a me vestir como Ternurinha durante o dia. A impressão que eu tinha é que, quando eu estava de Ternurinha, todos os meus problemas desapareciam. Eu me vestia para sair pelas ruas, não como a atriz que quer performar, mas como alguém que está buscando alguma maneira de viver, de se salvar. Em meados de 2016, comecei o tratamento com a psicóloga Kátia Viana, e comentei sobre esta minha situação com Ternurinha: "quando sou ela, me sinto forte". Kátia então sugeriu que eu gravasse vídeos ou áudios como Ternurinha falando o que ela pensa a meu respeito, a respeito da Tefa. Inicialmente achei boba a proposta, porque eu tinha a impressão que sabia o que Ternurinha diria a meu respeito, afinal, ela e eu somos a mesma pessoa. Cheguei à casa de minha mãe, coloquei as roupas de Ternurinha, a maquiagem, liguei a câmera e comecei a falar. Uma frase de Ternurinha sobre mim eu nunca esqueci: "A Tefa é gente boa. Ela bebe co nóis nas calçada, consegue comida, cigarro... Do muro da casa dela pra fora, ela é muito minha amiga. Mah ela nunca me convidô pra entrá na casa dela, pra conhecê como que é o quarto, se tem microonda, se o fogão acende de fogo ou de eletricidade... Ela fala do CAPETAlismo, mas ela respeita demais a linha CAPETAlista da casa dela formada pelo muro." Com isso, veio toda a questão da possibilidade de cura pessoal com base na minha relação com Ternurinha.

A Cigarra e a Formiga. Foto: Arquivo pessoal.

A sua tese de doutorado propõe um atravessamento de fronteiras entre arte e saúde mental. Só o título, "Eu - Ternurinha: processo criativo e curativo da atriz-personagem a partir de seus excessos e vivências nas ruas, e o ativismo político e feminista que compõe suas teatropalestras", já provoca uma série de reflexões, talvez até polêmicas. Fale-nos um pouco sobre o "processo criativo e curativo da atriz-personagem".

Então. Sempre aprendi, desde que iniciei os primeiros cursos de teatro na adolescência, que a atriz/o ator é quem constrói as personagens. Depois dessa experiência com Ternurinha — incentivada pela minha psicóloga Kátia Viana e pela minha orientadora Dra. Maria Brígida de Miranda — é que comecei a questionar o caminho inverso, da personagem que constrói a atriz. Sentia nos momentos de crise de ansiedade uma sensação de não ter escolhas, uma espécie de claustrofobia diante da vida e das situações. Experienciar as ruas, outros lugares, minha própria casa como Ternurinha possibilitou outras perspectivas, outras lógicas diante dos contextos. Ternurinha foi libertadora naquele momento. Digo que ela funciona, desde então, como a voz da minha dialética. Antes de tomar alguma decisão sobre qualquer coisa, a voz de Ternurinha sempre aparece perguntando "Por quê?", "Precisa disso mesmo?", "Tem certeza que é isso que tu quer?", "Por que não?" No início era meio assustador este processo. Cheguei a perguntar à minha psicóloga se eu não estava próxima da esquizofrenia. Kátia disse que não, porque a pessoa esquizofrênica não sabe delimitar as lógicas operantes, e pra mim é muito evidente quando sou eu ou quando é Ternurinha que fala. Acho que o processo curativo, nesse caso, tem a ver com o processo de conscientização que Ternurinha me trouxe sobre mim mesma. Um caminho de voltar para dentro que eu nunca havia feito. Não naquele papo neoliberal de "eu sozinha me basto", mas no sentido de entender minhas vontades, meus desejos, meus medos e como diálogo com o mundo a partir disso tudo. Foi dessa consciência que o termo "Grota" foi colocado por mim antes de "Ternurinha". Grota Ternurinha. Trago aqui uma citação da minha tese que especifica esta escolha: "Mary Russo, linguista e feminista estadunidense, no livro *O grotesco feminino* (2000) traça uma relação entre a palavra 'grotesco' e 'gruta', como uma alusão ao corpo feminino, à feminilidade, validando "as imagens tradicionais de mãe terra, da bruaca, da feiticeira e da vampira", tramando 'uma conexão natural entre o corpo feminino' (ele mesmo naturalizado) e os elementos 'primordiais', especialmente a terra." (RUSSO, 2000, p. 13-14). Em realidade, não é esta ligação "natural" entre o feminino e o grotesco que me diz respeito, inclusive porque tenho a impressão de que, ao utilizar a palavra "natural", por vezes podemos confundi-la a uma maneira essencialista do "ser mulher" — o que muitas feministas ao longo do século XX vão criticar, como a existencialista francesa Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo* (1949); a escritora e psicóloga estadunidense Betty Friedan, em *A Mística Feminina* (1971); a escritora brasileira e ativista ambiental Rose Marie Muraro, em *Memórias de Uma Mulher Impossível* (1999), entre tantas outras. Porém interessa-me a alegoria da gruta em relação à cavidade vaginal, por onde o sêmen pode entrar e por onde um novo ser pode sair. A gruta

enquanto lugar de passagem, transformação e nascimento. Neste momento sou gruta... sou grota. Na tese, após essa citação, segue a explicação do arquétipo da gruta abordada, considerando a perspectiva de Jung e os elementos que frequentemente aparecem compondo a imagem: a escuridão, um poço e uma serpente. Caso alguém se interesse em ler, pode acessá-la na Internet. Eu sou a grota, e a Ternurinha é meu grotesco, a filha que nasce da grota.

Outra fronteira embaralhada neste seu trabalho é o termo "atriz-personagem". Você estabelece uma separação pelo hífen. Mas na prática de seu trabalho, há alguma separação? Como você vê as questões de autoficção, escrita de si, biografia x criação ficcional?
Na prática, meu trabalho fala justamente da atriz e da personagem como construções de um mesmo corpo, e por isso são tão entrelaçadas. As marcas (citando Suely Rolnik) estão registradas no mesmo lugar, dividimos as mesmas lembranças, reconstruímos juntas as memórias. Por conta disso, também na tese, discuto brevemente quem é a atriz e quem é a personagem. Se pensarmos pela perspectiva de Renato Cohen, que não acredita na existência da espontaneidade, a Tefa é tão (ou nada) espontânea quanto Ternurinha. Ambas são construídas; portanto ambas são personagens. Na esteira da autoficção e da escrita de si, estão os estudos feministas, que localizam justamente a prática de escrita sobre si como uma estratégia das mulheres colocarem-se no mundo e de (re) construírem a consciência da própria subjetividade. Sobre o hífen, ele aparece como uma dupla função: além de separar atriz e personagem, também junta as duas palavras. Duas palavras que são unidas, porém com suas individualidades/funções respeitadas. Para mim, é importante essa diferenciação, porque muitas vezes corro o risco de ser apagada em detrimento de Ternurinha, das pessoas se referirem a mim apenas como Ternurinha, como várias vezes já aconteceu. Não foi uma única vez que escutei "Tenho um convite para ti. Na verdade pra ti não, pra Ternurinha." Enfim, é um jeito de lembrar as pessoas e a mim mesma que sou muitas outras além de Ternurinha. Sobre isso trato, inclusive, no quarto capítulo da minha tese.

Fale-nos sobre o poder da gambiarra, essa palavra-ação--acontecimento tão brasileira. A gambiarra é, paradoxalmente, a nossa salvação e a nossa condenação?
A gambiarra traz muitas questões importantes, tais como: quem diz o que é lixo? O que é o lixo? E a principal de todas para mim: quem não tem condições financeiras de adquirir um produto ideal dentro dos moldes capitalistas está fadado a morrer sem tê-lo? A importância da gambiarra, nesse sentido, a meu ver, está na democratização do acesso ao que se deseja ter. Muitas pessoas no mundo, de outras áreas do conhecimento (arquitetura, administração, sociologia), vêm para o Brasil para estudar a gambiarra, porque a gambiarra está estampada no nosso cotidiano, na forma como algumas casas são construídas, nos eletrodomésticos arrumados ou montados, na nossa culinária — como diz a linguista Sabrina Sedlmayer, no livro *Jacuba é Gambiarra* (2017). Talvez não seja exagerado dizer que a gambiarra ajuda a salvar nosso povo. Na minha tese, eu faço uma ode à gambiarra. Todo o material cênico das palestras de Ternurinha são confeccionadas com lixo reciclado e materiais velhos. No início das teatropalestras, éramos bem mais radicais: tudo o que utilizávamos era catado nas lixeiras pelas ruas, dentro dos *containers*. Era lixo alheio mesmo. Ternurinha, então, chamou minha atenção: "Tu tem condição de comprá umas lantejôla, umas tinta guache... Por que pra mim é só lixaiêdo? Me dá um poco do que é bão também! A gambiarra é linda pra quem sempre tem tudo... Mas vai vivê uma vida toda de enjambração pra vê se tu não te enche o saco." Depois da puxada de orelha de Ternurinha, hoje utilizo materiais velhos unicamente pessoais (antes de serem descartados) e compro tudo o que preciso: canetinha, cola, tesoura, cola colorida etc. Então, sim, acho que a gambiarra é nossa salvação e nossa condenação. Salva porque é uma maneira de o povo se proteger e ter o mínimo de dignidade, e condena justamente porque muitas vezes a gambiarra não é opcional, é a única saída encontrada para a sobrevivência.

(E)terno. Foto: Paulo Pasa.

"Teatropalestra" é mais uma junção de palavras, desta vez sem qualquer separação. Como surgiu essa junção entre "teatro" e "palestra"? Quais são os objetivos dessa forma criativa que você propõe?
Para pensar este termo, "teatropalestra", parto da noção de

Perfopalestra, à qual tive contato primeiramente com a pesquisadora, dramaturga e docente da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) Dra. Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra, mais especificamente com o trabalho "Dramaturgia Feminina: O Caldeirão de Afrodite", apresentado em fevereiro de 2016 na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); e, posteriormente com a pesquisadora da Universidade de Brasília (UnB) Dra. Lúcia Sander, com o trabalho *O que Shakespeare não Contou*, apresentado em abril de 2017, também na UDESC. Uma das premissas das "teatropalestras" de Ternurinha é o destrinchamento dos conceitos científicos segundo suas vivências nas ruas, criando imagens e alegorias que mostrem a aplicação das teorias em sua vida. Nesse sentido, as "teatropalestras" de Ternurinha criam, além de reflexões teóricas e conceituais, também a própria vida da personagem. Por que "teatropalestra" e não perfopalestra? Porque na primeira, tanto a criação argumentativa quanto a condução principal do ato da palestra, é feita pela lógica da personagem (ou pela personagem em consonância à *performer*), enquanto que, na segunda, a condução principal é do *performer*. Ternurinha, sendo a personagem que conduzo em cena, é quem realiza as palestras; logo, pensando por essa via, é do teatro que partimos para palestrar.

Você poderia nos falar um pouco mais de como essa experiência da Grota Ternurinha com os moradores em situação de rua afetou seu cotidiano?

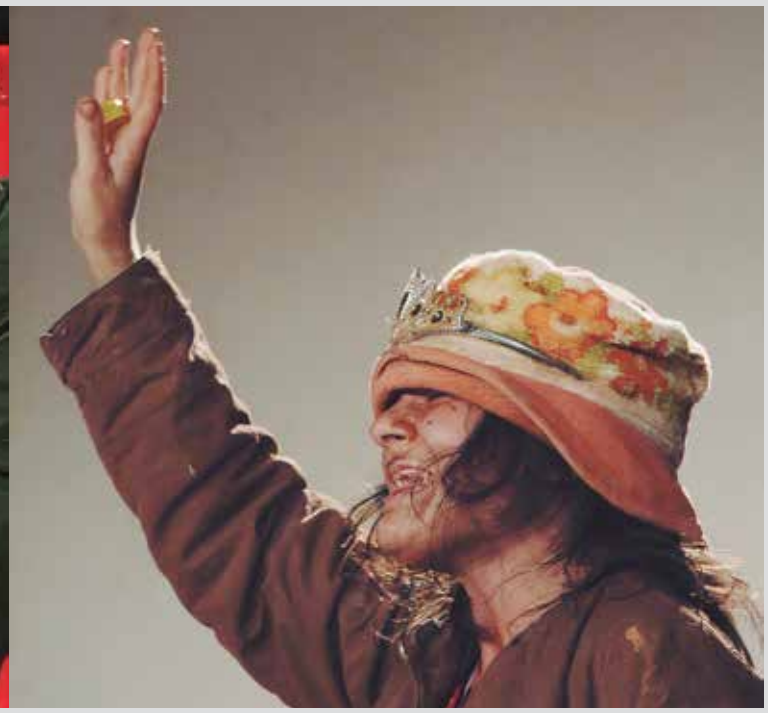
Como vocês bem disseram, "pessoas em SITUAÇÃO de rua". Acho que uma das coisas mais marcantes de todas as experiências que vivi foi perceber que qualquer pessoa pode acabar vivendo em "situação de rua" em qualquer momento da vida. Essa realidade tornou-se mais evidente neste período de pandemia e de panDEMÔNIO político que estamos vivendo. Desemprego aumenta. Cesta básica aumenta. Gás aumenta. É preciso escolher entre pagar aluguel ou comprar comida. Além dos fatores econômicos, também existem os fatores culturais, sociais, religiosos. Desentendimentos dentro de casa, episódios de violência doméstica, de homofobia. Enfim, motivos para acabar em situação de rua são os mais variados, e ninguém está livre disso. Acho que quando entendi isso, comecei a olhar para as pessoas (não apenas as que estão em situação de rua) tentando entendê-las pelas situações nas quais elas estão, e não decifrá-las de maneira essencial como "fulano é assim', "beltrano é assado". O verbo passou do "ser" para "estar". Isso mudou demais minha maneira de me relacionar.

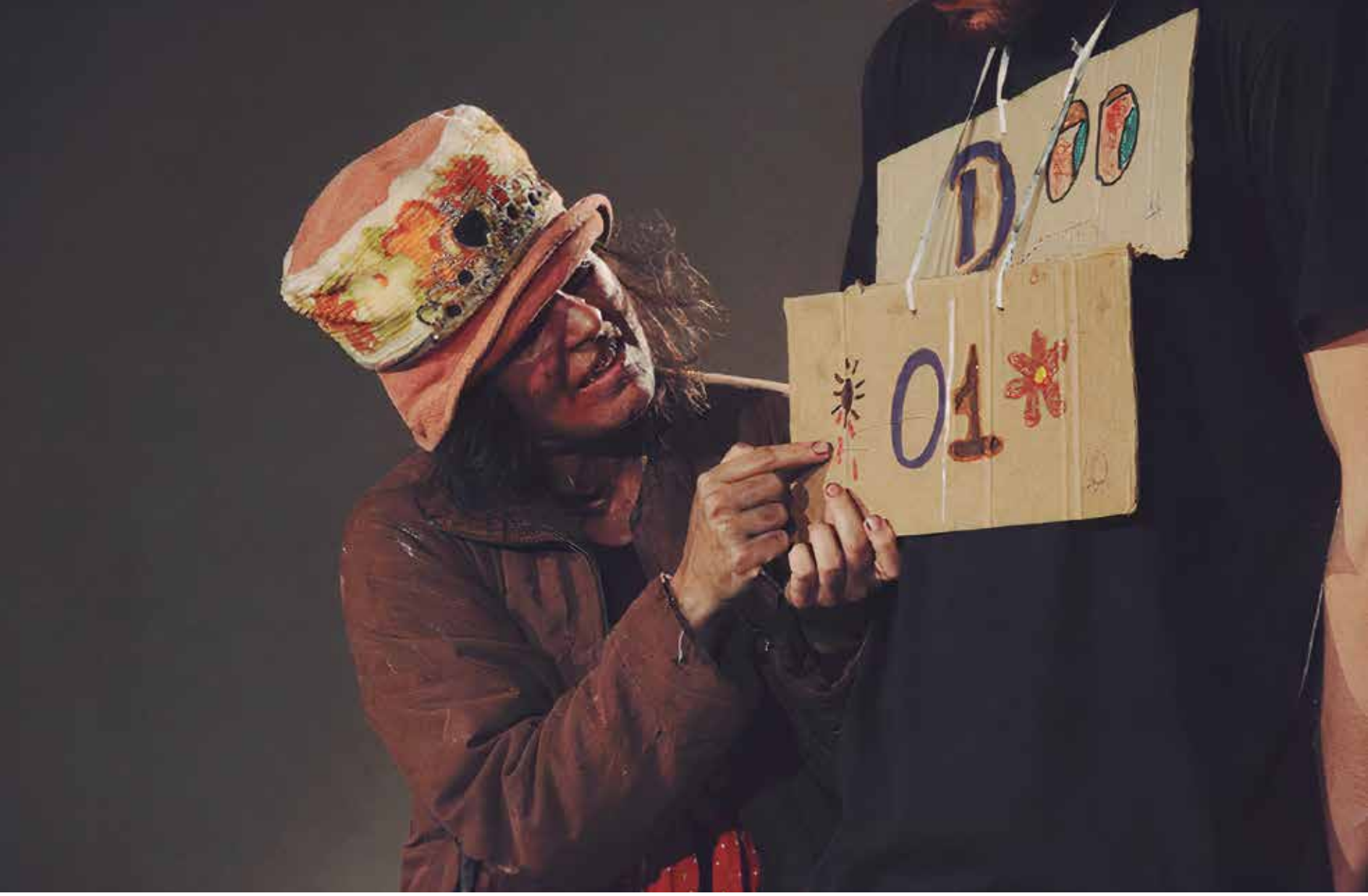
Você é uma dessas artistas que criam, desenvolvem, aprofundam um personagem durante anos. Tem algum outro projeto em andamento ou em desejo?

Tenho brincado durante este período pandêmico com outras duas personagens que foram criadas em 2015, ano em que o "grande golpe" começava a se desenhar de maneira mais evidente: a *socialite* Little Thigh e a jornalista Miriam Buti. Fiz algumas experimentações no início de 2020 com elas, junto de Ternurinha, numa espécie de programa de debates chamado "Dia a Dia, Dialética", que tratava de colocar Little Thigh e Ternurinha discutindo questões da política nacional e da crise sanitária do coronavírus, mediadas pela jornalista Miriam Buti. Foram exercícios interessantes para me testar como "hiperatriz" (usando conceito do cientista brasileiro Claudio Pinhanez.) Além disso, fiz alguns vídeos com Ternurinha apresentando suas paródias, "palestras de bolso" (palestras com duração inferior a cinco minutos), algumas *lives*, todo material criado com referência nas literaturas que li no último ano, relacionando ao contexto sanitário e político pelo qual o Brasil está passando. Comecei a ficar muito triste e odiosa. (Não está fácil acompanhar o desmoronamento do país.) Parei de criar

Amor com Humor se paga. Foto:. Arquivo pessoal.

Ternurinha durante a palestra *Nem Uma a menos.*
Foto: Mariana Rotilli.





Ternurinha durante a palestra *Nem Uma a menos*. Foto: Mariana Rotilli.

esse tipo de material. Passei a me dedicar à escrita de artigos, cursos *on-line*, festivais de teatro e palhaçaria *on-line*, procurando maneiras de nutrir a alma e ficar saudável neste período. No momento, eu só quero ficar bem e quero que as pessoas fiquem bem também. Esse é meu maior projeto e desejo.

Como é isso de, digamos, monopolizar o seu trabalho em torno de uma personagem tão marcante? Você pensa na possibilidade de diversificar, de trazer outras personagens para a cena?

Penso, sim. A vontade é de manter Ternurinha (até porque já entendi que não consigo me desvencilhar dela.) mas abrir espaço para descobertas e novos experimentos. Isso implica criar outras perspectivas, olhar para outras coisas, outros mundos. Sem pressa. E perceber o que me instiga a tentar entender (porque é geralmente pela busca de querer entender alguma coisa que vem o ímpeto para as minhas pesquisas e criações).

Vivemos um momento crítico em termos sanitário e político, como você bem pontuou. O país está afundando em mentiras de toda ordem. Há uma espécie de embrutecimento que vive de mãos dadas com a ignorância. Não bastasse isso, ainda temos que conviver com uma tentativa constante de criminalização da arte. Como você pensa o papel da arte e do artista num momento com o nosso?

Como artista que oferece algo ao público, no momento, estou cansada e desmotivada. Por outro lado, não fosse a arte, eu não sei como estaria aguentando a situação calamitosa pela qual estamos passando. Como artista que pesquisa, a arte me ajuda a criar outras perspectivas da realidade, e também me ajuda a fugir dela quando necessário. Quando crio, sinto que minhas abstrações vêm para fora e começam a tomar forma, e aí parece que começo a entender o que está me machucando, incomodando. Visibilizando o inimigo, consigo entender melhor como ele opera, e se torna mais fácil descobrir quais armas utilizar para aniquilá-lo ou afastá-lo. Não que a tristeza e a raiva sejam minhas inimigas. Entendo o quão importante é tê-las comigo. O problema é controlá-las para que não tomem proporções que me prejudiquem.

Por outro lado, temos, também, as disputas internas no setor cultural e no meio acadêmico. Enfim, parece-nos que em alguma medida pensadores e artistas que poderiam estar juntos na luta contra o fascismo galopante, contra a desigualdade social, contra o racismo, a misoginia, a homofobia acabam entrando em disputas desnecessárias e assim perdemos a força. Como você vê isso?

É. Ninguém tá bem. Tenho a impressão de que muitas vezes pensamos o Capitalismo como algo longínquo, como se ele fosse construído em algum outro lugar e apenas recebido e desembrulhado por nós aqui. Acho que enquanto pensarmos este sistema dessa forma afastada, como se nós também não ajudássemos a construí-lo, corremos o risco de não conseguirmos identificá-lo no nosso terreno, e aí continuaremos naturalizando várias práticas incentivadas por ele, como as disputas internas que vocês comentaram.

A ideia de beleza, sobretudo com o Simbolismo de Baudelaire e, depois, com o Expressionismo de Munch, por exemplo, sofre considerável mudança, pois, como disse o poeta francês, "o horrível, artisticamente expresso se transforma em beleza e que a dor ritmada e cadenciada preenche o espírito de uma alegria calma". Gostaríamos que você falasse das experiências artísticas e de seus impactos sobre as pessoas, como elas recebem, pelo menos no que é possível observar, das palestras de Grota Ternurinha.

São várias as reações que já pude observar, desde compaixão até ânsia de vômito. Numa apresentação que realizei no festival "Esse Monte de Mulher Palhaça", no Rio de Janeiro (RJ), em 2018, organizado pelo grupo de mulheres palhaças *Marias da Graça*, no momento da palestra *Nem uma a Menos*, em que solicitei às pessoas que cuspissem nos copinhos de plástico distribuídos a elas na entrada do teatro, uma moça começou a ter ânsia e precisou sair para vomitar. Em outras apresentações, vi pessoas concordando com a construção lógica de Ternurinha sobre a Necropolítica, mas quando exemplificava com questões práticas do sistema democrático representativo brasileiro (ou seja, citando nomes de representantes da política nacional), discordavam com a cabeça. Tudo depende do público e do lugar onde a palestra está sendo apresentada. No geral, as pessoas gostam (pelo menos as que vêm falar comigo ao final de cada apresentação.) do modo como os conteúdos das palestras são abordados, com humor, exemplos do cotidiano, música, dança, participação do público. Elas se sentem envolvidas com o momento.

Tefa, você inicia a entrevista nos agradecendo. Nós quem gostaríamos de agradecer a sua disposição em conversar conosco, em partilhar suas pesquisas, suas sensações, suas dores e sua arte. Por isso gostaríamos de terminar nossa entrevista com palavras suas sobre um sonho, uma utopia para o futuro.

Duas utopias: que nenhuma pessoa no mundo passe um dia sequer sem comida boa e água potável na mesa. Que o ser humano perceba que é apenas mais uma espécie de vida no universo. Talvez isso mude a relação de exploração e extração entre a humanidade e todo o mundo natural. E da humanidade com ela mesma. Um sonho: viver no meio do mato onde se possa plantar minha comida, "meus amigos, discos e livros, e nada mais".

[Tefa Polidoro, pesquisadora, atriz de teatro,
Caxias do Sul, RS]

Tartufo. Foto de Jorge Scherer

Guilhotina para fazer as unhas

Aqui, e somente aqui, nesta vida, um tempo
que não é mais que um banco de areia
nos mares da eternidade [...]
*(*Shakespeare via Macbeth)

Não há o tempo.
(Heidegger)

(viventes: ele e ela, ambos com pouco mais de 60 anos)

Ele (*todo de preto*)
Ela (*com vestimentas mais suaves embora sombrias*)

ambiente

(*Uma sala enorme cheia de móveis cobertos por lençóis. A luz geral no palco, depois se usa o vermelho, o azul, o roxo em ambientes diferentes, cada ambiente é marcado pelas nuances da luz e suas cores junto a um grupo de móveis*)

(*Do teto, algumas gaiolas dependuradas em alturas irregulares. Dentro de cada gaiola se faz necessário conter uma luz com cores distintas*)

(*Pode existir um mecanismo que faça com que os personagens possam manipular a iluminação das gaiolas, que terão os mais variados tamanhos*)

Peça em um ato

Ele
O que você mais gostava de fazer antes de tudo ter acontecido?

Ela
O quê?

Ele
Eu perguntei o que você mais gostava de fazer antes de tudo ter acontecido. Antes da gente ter se encontrado. Essa sempre foi uma pergunta que eu quis fazer. Somente agora, diante disso tudo, criei coragem. Mas as possíveis respostas sempre me consumiram. Mais até que o medo de ouvi-las.

Ela
Ih! Lá vem. Era só o que me faltava! Metafísica. Resolveu fazer um ajuste com o tempo? Perdeu, querido, o tempo já gastou a nossa possibilidade de ajuste. O que temos agora é um resto, apenas um resto, e cabe a gente decidir o que fazer com isso.

Ele
Não é bem isso, é que uma espécie de dor intranquila me atropela quando entro aqui, você não percebe como tudo aqui está carregado de uma força estranha? Essa força estranha provém dos dias que passamos juntos, de todas as tardes silenciosas. Uma vida dói, pode ter certeza, mas duas vidas juntas têm uma explosão de dores.

Ela
Força estranha? Coisinha mais Caetano Veloso. E essa tentativa de poesia? Explosão de dores? Que dores? O que você entende por dor? Ainda mais a dor do outro? Alguma vez se preocupou com as minhas dores, não somente aquelas das cólicas menstruais, mas aquela que me espetava o cérebro: o arrependimento. Você tem ideia do que é o arrependimento mantido diariamente pela covardia? É isso que me dói, porque é isso que eu sou, uma covarde arrependida. Agora já sei, você vai me dizer que quando olha para as paredes vê as noites de sexo que fizemos e se pergunta se há arrependimento nisso. Tudo tem um tempo. Eclesiastes! Lembra? Daqui a pouco você me vem com metáforas, com essa tua poesiazinha capenga: "cada dia é uma vida". Foda-se. Eu sempre fui um túmulo vivo,

um túmulo caiado por fora, só pra manter a temática bíblica, mas por dentro, ah!, por dentro é cheio de olhos escuros, podres, sempre abertos. Explosão de dores? Explosão existiria se você fosse homem o suficiente para entrar dentro de mim, não apenas com esse teu pau pequeno, mas entrar mesmo, lá dentro. Mas falar disso? Você teve sempre tão pouco talento, tanto para poesia quanto para vasculhar os dentros de uma mulher.

Ele
Sabe, às vezes tenho a impressão de que ao te ouvir, estou ouvindo todas as vozes do mundo. Como se meu corpo fosse um fio de fibra óptica e todas as vozes o atravessassem. Você pode imaginar o meu tormento? Você se diz uma covarde arrependida, e eu? Sou o quê? Um deslocado, um incapaz de mudança? Agora você me acusa de mau poeta e de mau psicólogo, pois não fui capaz de conhecer teus dentros. Dentros? Quem tá fazendo má poesia aqui?

Ela
Eu sempre tive meus próprios tormentos! Você alguma vez percebeu que eles existiam? Que muitas vezes era com eles que você transava?

Ele
Todos temos tormentos. Todos, uma vez ou outra, os colocamos no nosso lugar enquanto transamos. Transar? Que linguagem mais jovem, mais vulgar. Que mal há em fazer amor ou em copular? Mesmo que no nosso caso tenha sido uma impossibilidade. Fica bem melhor do que transar. Tenho problemas com a gratuidade de algumas palavras. Transar é uma delas.

Ela
Só rindo. (*se esfregando nele*) Transar. Dar um teco. Uns pegas, foder, molhar o biscoito são metáforas, querido! Poesia pura! Não gosta de gratuidade, não gosta que tua velha esposa fale umas improbidades sexuais? Quer apenas as grandes e sublimes palavras? Olha onde tua busca por sublime nos levou? Tudo pra você sempre se deu pelo sublime, o sexo, o sofrimento, a solidão, a nossa vida de merda. "Não, querida, a merda não é sublime e poética, nesse caso opte por fezes, use evacuar no lugar de cagar, use fazer amor no lugar de foder", era o que você sempre dizia em cada gesto, em cada silêncio, em cada porcaria de verso que você escreveu. O sublime não fode nem faz amor, meu bem. O sublime não enfia o dedo na buceta e chama a fêmea de puta nem acaricia a vulva e chama a mulher de deusa; o sublime é um porra dum assexuado, um jozinho sofredor, com um pinto minúsculo, pensando sempre em sair da merda em que se meteu, mas incapaz de qualquer ato, racional ou irracional, de mudança efetiva.

Ele
Você sabe muito bem que o único livro da Bíblia pelo qual me interesso é o livro de Jó, mas não com esse teu olhar impiedoso, de diminuição. Só um homem perverso poderia criar tanto tormento. Tanta dor. Pensando bem, vejo Jó deitado aqui neste sofá. Olhe, você não vê? Aqui estão todos os nossos dias... um monturo de lixo, isso sim. Somos um monturo de lixo e não servimos para nada.

Ela
Taí a merda. Nós somos um monte de lixo, um monte, porra! Será que nem isso você não consegue falar normalmente? Tem que falar monturo, não vê que ao escolher uma palavra tão rara diminui a força do que você diz? Ou você acha que Jó, Deus e o Diabo ficavam escolhendo palavras superiores para expressar os sofrimentos deles? Não, querido, com eles era na porrada, no soco, na carne rasgada, na crueza. Além disso, todos nós temos os nossos fantasmas. Todos nós somos ou seremos fantasmas. Um dia não passaremos de um número definitivo, um nome numa lápide, essas coisas. Mas até lá nos cabe viver, nos cabe seguir dentro das condições. Não tô pedindo para ser mais um boi qualquer na boiada, mas ter algum discernimento, alguma vontade de pensar no simples. Já que você gosta, vamos de Caetano Veloso: "vaca profana põe teus cornos afora e acima da manada". E insisto, meu amor, meu Jó atormentado, o simples é o corpo, a boca na cabeça do pau, o simples é um dedo na buceta e outro no cu. Tu que é tão clássico deveria ler mais Sade. Enfim... logo estaremos num rol qualquer de um colecionador de anônimos.

Ele
Um colecionador de anônimos? Você me perturba por causa das minhas palavras, das minhas metáforas, mas você também não facilita. Além da vulgaridade, inventa as suas metáforas, a sua poesiazinha de merda.

Ela
Sim, meu amor, mas eu tenho uma coisa que lhe falta: equilíbrio, capacidade de escolher as palavras conforme o público. (*na beira do palco*) Você se lembra do público que já passou por aqui, para que eles estão todos aqui ainda nos olhando. Qualquer um deles pode ser pai ou mãe de um colecionador de anônimos, que um dia terá uma escrivaninha onde seremos lembranças. Em 50 anos seremos apenas um sopro ou umas vozes vagando de boca em boca: "Você se lembra daquele casal? Minha avó falava que ele era um cagão e ela

uma neurótica." Isso se conseguirmos sobreviver tanto tempo, afinal, que semente deixamos? O filho que nunca fizemos? Os amigos que vinham aqui apenas para ver o circo mudo que era o nosso casamento. Pensando bem, o tal colecionador de anônimos do futuro talvez nem nos colecione, afinal, pouco fizemos para que isso aconteça. Ainda dará tempo?

Ele
Talvez ainda dê, se você me responder o que gostava de fazer antes de nos conhecermos. Sabe como é... não tive tempo para perguntar... o trabalho... a vida... o tempo escorregando e saindo de nosso alcance... Saber disso seria conseguir pegar um pedaço do tempo que nos resta e enfrentar a velhice. Saber disso talvez abrisse algum caminho para esse mistério que chamam felicidade. A felicidade sempre me irritou pois estava sempre no rosto dos outros, visível, mas intocável. A felicidade é igual uma sombra. Está ali, mas não permite o toque, a pegada. A felicidade é sempre um passo à frente. Por isso seria importante saber o que você mais gostava antes de me conhecer.

Ela
Não seja cínico! O que interessa o antes de me conhecer. A maior parte da minha vida foi com você, então você deveria lembrar de pelo menos algumas das minhas falas mais importantes. Você não lembra nem qual é meu prato preferido. Agora eu, não! Sempre tive que satisfazer todos os seus prazeres... agora assim... agora assado... amanhã eu quero aquele tempero, não esquece.... Ah! sem feijão não há almoço. Todos os nossos dias se repetindo... e nunca, você nunca se deu ao trabalho de perguntar nada. Sempre o mesmo silêncio. Sempre a mesma agonia. Eu te dei um mundo cotidiano para você construir tua metafísica, tua poesia de merda, e você me deu o quê? Meia dúzia de olhares mal enjambrados, um ou outro gesto mais cuidadoso, na juventude ainda tinha o sexo, teu lado animal ainda falava aí por baixo, no meio das tuas pernas, mas depois, isso foi cada vez mais esquecido, cada vez mais abandonado. Meu bem, eu não lembro do que eu mais gostava antes de te conhecer, assim como lembro de bem pouca coisa que eu gostei depois de te conhecer.

Ele
Então, agora estou te dando a oportunidade de me revelar quais os seus desejos... do que mais gosta... qual a sua cor preferida mesmo?

Ela
(*Pensativa, para ele não ouvir*) O luto é minha cor preferida. (*Voltando a falar com ele*) Vagamos um ao lado do outro por quase toda a nossa vida e, agora, na reta final, você me vem com perguntas. Perguntas se fazem no dia a dia. Além de você nunca ter me perguntado nada, nunca me respondeu nada também. Eu passei anos te fazendo perguntas e você, sempre evasivo, sempre o "superior", o "sublime", incapaz de uma resposta direta, efetiva. Não é felicidade que te falta, é efetividade. Eu devo mesmo ter jogado pedra na luz.

Ele
Pedra na luz? A tua efetividade não deveria dizer pedra na cruz? Ou você foi contaminada por minha poesia de merda?

Ela
Pedra na luz mesmo, seu idiota. A luz que eu nunca tive. Parece imbecil, mas eu, ao contrário de você, nunca tive medo da imbecilidade. Da idiotice dos trocadilhos. As cidades já estão cheias de meio-versejadores, eu sou apenas mais uma, mas o senhor, não, o senhor teve que ser sempre um versejador inteiro, um versejador de ponta. Olha, olha bem ao nosso redor, veja onde a tua insatisfação diária nos levou. Onde essa tua poesia de merda nos levou. Merda, sim, e não é metáfora, meu querido. Tua poesia é vazia porque falta cotidiano, falta vida efetiva, falta olhar dentro das coisas, não apenas para o alto.

Ele
Não posso arcar com o ônus por todas as desventuras e aventuras que você teve na vida. Ou melhor, que tivemos. Eu sempre disse: "não deposite todo o teu amor em mim, lembra? Você precisa de um círculo de amigos, não pode me sufocar". Qualquer coisa era eu... eu... sempre eu... Tua dependência de mim nos afastou ainda mais. Eu também nunca perdoei esse teu arrependimento covarde. Você acha que eu não percebi que você sempre quis sair, largar tudo, mas não conseguia, seja por apego a mim, à minha poesia ou ao meu dinheiro, ao *status*, à honra que era ser minha mulher. Você me cobra efetividade, mas e a tua efetividade? Onde ela te levou, a um casamento inútil, vazio, incapaz de liberdade. Assuma sua parcela de culpa, assuma que não foi apenas a minha poesia ruim, o meu desejo de sublime que nos destruiu, mas o seu desejo de "efetividade" também colaborou muito para isso. Se essa efetividade toda tivesse sido trocada por afetividade, quem sabe estaríamos em outro lugar, falando e vivendo outras coisas. Casamento. Você sabe o que significa. Um pouco de filologia te faria bem.

Ela
O que você queria? Que eu recorresse ao vizinho? "Bom dia, senhor Maneca! Olha, eu estou com um

probleminha aqui. O meu marido anda sem apetite, sabe como é. E tem certos dias que uma mulher precisa de um homem. Quem sabe o senhor não chega lá em casa pela tarde. Ele nunca está em casa pela tarde". Ou ainda: "Olha, seu Aristeu, eu estou com um problema nos olhos. O senhor não poderia ir lá em casa me ajudar a fritar umas bananas para o meu marido? Ele chega daqui a pouco e se eu não estiver com a mesa posta, ele acaba de me cegar..." E você vem me falar de filologia, de origem das palavras. Casamento é uma decisão. Como eu já disse, e isso me remói profundamente: eu entrei no nosso casamento e nunca tive coragem para sair. Você sempre me deu motivos, mas nenhum efetivo.

Ele
O que você queria? Que eu batesse em você? Que eu a ofendesse? Você também é cheia de contradições: sempre reclamando do meu apego ao sublime, da minha falta de efetividade, de objetividade diante da vida prática, mas sempre esperando de mim um motivo maior do que esse para me abandonar. Acho que o teu amor por mim foi também inveja, inveja da minha educação, da minha calma. Inveja de mim e ódio de si mesma. Teu amor era, é uma mistura dessas duas coisas.

Ela
Talvez esse tenha sido o grande problema. Toda essa sua altivez. Na verdade, uma indiferença disfarçada de educação. Você e sua imperturbável serenidade. Sempre olhando as coisas com um olhar de complacência. E tinha dias que eu desejei, ah!, como desejei que você me olhasse, que seu sangue, ao menos uma vez, se erguesse sobre meu olhar e me brindasse com um pouco de fúria. Sem elegância. Eu sempre parecendo uma visita. É isso. Eu não passo de uma visita permanente para você. Olhando aí, de onde você sempre se colocou, talvez meu amor tenha sido mesmo feito de inveja de você, dessa tua forma de vida e ódio por mim mesma, da minha forma de vida. No entanto, olhando daqui, desse baixo onde sempre me mantive, meu amor era mais uma esperança, esperança de não ser mais a visita, de não ser mais aquela que abria as pernas num instante e, no outro, era expulsa da casa, usando-se a velha tática da vassoura atrás da porta. Você percebe a mesquinharia? Sua vida numa redoma, vez ou outra você abria, eu entrava, você me comia, me fazia uns carinhos, me esfregava o ego e depois me devolvia a insignificância da minha casinha, bem mulher inferior, bem cadela de estimação. "Preciso de silêncio, preciso do meu espaço, preciso de um canto quieto para criar", e lá eu ia para as compras, para a academia, para a vida prática de mulher-visita, enquanto o gênio fica em casa, metafisicando, poetando, se punhetando. Você fez o que quis de mim. Você, estes anos todos, exerceu uma espécie de ditadura, mesmo que branda, sobre mim. E ao fazer sua última visita, você me vem com perguntas, bancando o simpático, o saudosista, o marido remissivo.
(*Silêncio*)

Ele
(*Impassível, como se nada ouvisse*)

Quando olho para esta casa, quando imagino os anos que deixamos aqui. Lembra quando lia o *Cântico dos Cânticos* todas as noites antes de dormir? Eu lia para você... Cheguei mesmo a decorar páginas inteiras.

(*declama parte do* Cântico dos Cânticos)

Ela
(*Sorriso nos lábios*)

Lembro. Aquilo era bonito, mas você fazia só porque era apaixonado pelo *Cântico dos Cânticos*, não por mim. Você não me ouve. Só se ouve. O pior é que me ensinou a ser igual. Eu também nunca te ouvi. Acabei de dizer que você exerceu uma ditadura nesta casa. Mas acho que nós dois fomos ditadores. Ditadores silenciosos, ou melhor, ditadores que falavam e ouviam apenas a si mesmos. Nós vivemos um casamento em que cada diálogo caiu num abismo de silêncio. Era como se fosse um campo de força invisível, igual naqueles filmes de ficção científica, ou nos desenhos animados. Nós sempre estivemos protegidos por uma redoma invisível de silêncio, assim, tudo o que dizíamos, esbarrava nessa redoma e caía em nossos pés. Jamais chegou ao outro, jamais conseguimos realmente nos comunicar. Nada dói mais que o silêncio. Você acorda: silêncio. Dorme: silêncio. Não esse silêncio dos monges, do Yoga, da meditação, mas aquele silêncio agudo que acompanha todo ruído, toda a violência das palavras bem-educadas, das mentiras, da hipocrisia, tanto a tua com seu apego à bela linguagem poética quanto à minha cheia de termos chulos, grotescos, mas incapaz de tornar a vida um pouco mais chula, grotesca. As nossas vidas atravessaram gente numa calmaria absurda e quando você vê, (*nervosa, apontando para toda a casa*) olha, olha, olha o que nos tornamos.

Ele
Estou aqui. Olhando você agora, nervosa, apontando para as próprias feridas, além das minhas, dizendo-se também culpada desse estado de coisas, talvez pela primeira vez eu tenha te ouvido realmente, talvez tua lágrima tenha quebrado o campo de força do silêncio, talvez eu, pela primeira vez, tenha tocado os teus dentros. Mas é uma situação tão complexa, é tão doloroso isso de sair da zona de conforto e ver-se dentro do outro. Olha o que eu

também me tornei, olha essa velhice flácida sobre a pele, sobre tudo o que eu busquei. Olha a flacidez do meu corpo, ouve como minha palavra também é flácida. Como você acha que eu posso ser de novo aquele homem com que você se casou?

Ela
Realmente, o que vejo à minha frente não é mais aquele homem com quem pensei em ser feliz. Esse talvez tenha sido meu maior erro: a expectativa. Mas como vencer a expectativa? Como embarcar numa relação sem essa vontade de ser feliz? Sem colocar a felicidade lá no fim do caminho e a vida ser todo o caminhar em busca dela? É idiota, eu sei, é clichê, mas não fomos capazes de perceber que o processo é que conta, o andar junto é que faz o feliz. Fomos tão tolos em nosso egoísmo recíproco, e agora o que restou de nós. Olha, você não sente dezenas de olhos nos invadindo, nos julgando? E o pior, dizendo "é verdade, é verdade, também sou assim, mas vou mudar, vou mudar". Sei lá, acho que estou sendo observada o tempo todo.

Ele
Mas você não vê que a felicidade é uma invenção? Não está no fim nem no durante. Como você pode me obrigar a fazer uma pessoa feliz, sempre, por 10, 15, 30 anos, sempre, 24 horas por dia? O tempo nos torna infelizes, amargos. E a tristeza também tem que existir. Ora! O que seria do mundo sem um pouco de tristeza? Já imaginou que coisa ridícula, todo mundo rindo... feliz... que inferno sem graça.

Ela
Você não entende, não é mesmo? Não percebe os olhos do mundo? Ainda pensando romanticamente, ainda pensando como um poetinha do século XIX, pensando que ser feliz é uma ofensa, uma desordem na sua ordem artística de merda. Não é desse tipo de felicidade que eu estou falando, essa é realmente uma invenção. Mas aquela felicidade que age como um calor ou um frio, não vemos, mas ela está lá acompanhando tudo. O meu erro foi pensar a felicidade como um fim, o teu foi pensá-la como uma invenção. Enquanto pensávamos errado, enquanto fodíamos com a nossa vida, a vida foi se esvaindo, se tornando flácida, como você mesmo disse. Então, não responsabilize o tempo por algo que é de nossa inteira responsabilidade.

(*Tira um retrato que está debaixo de um dos lençóis*)

Já que você perguntou... eu tinha muita vontade de...

Ele
Espere!

Ela
Mas você continua o mesmo. Qual o seu problema? Passou esse tempo todo querendo saber do que eu gostava antes de te conhecer. Entramos aqui, estamos tendo essa conversa, que, por mais absurda que seja, está nos revelando um ao outro. Você mesmo disse há pouco que parecia ter entrado em mim, ter me visto por dentro; aí quando vou responder, você se torna o homem de sempre. Sem sonhos. Sim, você é o único homem que conheci que se nega a ter sonhos, no entanto vive sempre pensando neles, ou na falta deles. A tua vida é porra nenhuma por causa disso: você insiste em patinar em volta dos sonhos. Parece aquele ateu que nunca se esquece de Deus.

Ele
Então, patinar em volta dos sonhos é minha maneira de ter sonhos, da mesma forma que não acreditar em Deus é a fé de muitos. Que mal há nisso? Ah! Claro, esse é mais um dos meus defeitos, mais uma das minhas poetices.

Ela
Tuas poetices são insuportáveis. Bom, seguimos, é preciso tocar a vida. Não ter sonhos pode até ser bom, afinal, nós vamos acabar como estes móveis, soterrados. Soterrados. Somos uma ilusão e temos que aceitar isso. A ilusão é o que nos mantém vivos, em pé. Alguns jamais veem a ilusão de fora, sabe? Uma visão geral, como se tivesse num satélite, ou no alto de um prédio. Esses são os contentes, os felizes, eles não têm noção de amplidão e conseguem ser felizes no metro quadrado que sua visão permite. Eu queria muito ser uma dessas pessoas. Mas me coube a visão panorâmica dessa porra toda. Daí fui me envolver com você, que também tem uma visão panorâmica, mas diferente da minha. Pronto, a merda tava feita. Agora estamos aqui, fantasmas assistidos por outros fantasmas. Bem, como ia dizendo, o que mais gostava era de tocar flauta. Você sabia, não sabia? Pois ia me buscar no conservatório.

Ele
(*Tira uma flauta do bolso sem que ela veja*)

Ah! Havia esquecido daquele som suave nas tardes do domingo. Por que nos esquecemos assim das coisas? Ficamos lembrando apenas as merdas, como diria você. Esquecemos as pequenas belezas. Você tocando flauta era uma pequena beleza.

Ela
É. E você me roubou o filho e a flauta.

Ele
Me acusando de novo, como se eu fosse o único. Há

pouco você estava assumindo a sua parcela nesse fracasso todo. Agora já está arrependida. Covardemente arrependida... não é mesmo? (*Irônico*) Como posso ter roubado o que não existiu? Você poderia ter continuado a tocar flauta. Você poderia ter continuado a gostar disso e gostar de mim. Gostar de duas coisas é assim tão impossível? Dois amores não podem conviver em você? O que você queria? Que eu tocasse flauta por você? Não é você a mulher dos sonhos? Deveria correr atrás deles! Agora, quanto ao filho, não seja tola. Não tivemos filho e não posso ser o único responsabilizado por isso.

Ela
Mas foi você quem não quis.

Ele
Pare com isso! E teu poder de convencimento? E um acidente? "Amor, tô grávida", pronto, eu iria ficar chateado, iria entrar em crise, iria fazer uma das minhas poetices, mas, no fim, eu teria aceitado, gostaria de ter tido um filho. Mas você não teve coragem de enfrentar os meus nãos. Você nunca teve coragem de ser mãe, de ter um amante, de ser uma mulher mais radical, mais extremada. Eu sempre vivi num mundo à parte, você veio se instalar nele porque quis, veio, ficou, não gostou e não fez nenhum esforço para nos tirar dele, para me levar para o teu mundo. Você alguma vez teve uma vida?

Ela
Por isso estamos aqui. Foi neste espaço em que tudo se deu, aqui tudo deve terminar. Ao sairmos por aquela porta, eu não quero mais uma palavra sobre nós, nossa vida, nosso mundo, nossas escolhas, nossa violência. Esse "nós", aliás, não existirá mais e desconfio que nunca tenha existido. Nunca existimos para além destas paredes, destes quadros, destes fantasmas nas paredes. Ao sairmos daqui estaremos totalmente separados. Vai haver um corte, uma ruptura efetiva. Lembra que eu te cobrei efetividade, então, agora é a hora, chega de nhenhenhem, chega desse "poderia ter sido". Ao sairmos daqui, aqui passa a não existir mais.

Ele
Então que tal sairmos agora.

Ela
Não, ainda temos o que fazer aqui.

Ele
Não, não temos. Nosso tempo está esgotado! *Game over*, minha querida! *Game over* para nós e para toda essa merda. Pronto, estou falando igual a você. Estou te dando essa vitória.

Ela
Não, ainda quero...

Ele
Temos pouco a fazer. Acha mesmo que vamos conseguir ser felizes ainda? A gente já falou tanto sobre o que é ser feliz? Você mesma me acusou de poetinha do século XIX, porque tenho a nítida certeza de que nascemos para sofrer. Pensa bem: o que mudaria se eu tivesse concordado em ter um filho? Vamos, diga! Eu quero muito saber se esta tristeza que carrega foi mesmo culpa minha. O que mudaria um filho nesta casa? Nós carregamos a tristeza na carne, minha flor. Ninguém é responsável pela tristeza alheia. Isso é papo de psicólogo de esquina. *(Irônico)* "Ah! Você está com seus desejos reprimidos! Seu marido tem... Seu pai reagiu como ao casamento de vocês?" (*Retoma o tom de voz*) O que significa ter um filho?

Ela
Não posso dizer o que significa ter um filho, porque não tive um. Novamente você está supondo as coisas. Novamente estamos discutindo sobre o "o que seria se tivesse acontecido". Não há resposta óbvia, embora pareça. O fato é que o filho teria mudado alguma coisa, mas não vamos saber o quê. O que temos é isto: fomos um casal sem filhos, infeliz, incapaz de diálogos, alimentando dia a dia nossos defeitos. É com isso que temos que lidar. Todo o resto é suposição. Mas eu entendo, sua vida foi toda construída sobre a suposição, se isso... se aquilo... Por isso você é essa merda de homem, um homem construído sobre as coisas não realizadas, apenas supostas. Um homem que se apegou à tristeza porque botou na porra da cabeça que não há outra coisa.

Ele
Pronto, lá vem você com suas análises claras, precisas, efetivas. A rainha da efetividade. (*Irônico*) "Você me roubou o filho e a flauta". Ora seja, a vida tem que ser mais que um filho e uma flauta. O que vem a ser a vida? Pergunte a si mesma todos os dias. O que é a vida. De repente você está ali sentado assistindo a uma peça de teatro e pá! Estoura um aneurisma! Foi-se. Um infarto fulminante e nenhuma paisagem no olhar. Nenhum cheiro. Não mais beijo, nada. Como se você estivesse em casa, só. Passa o dia a esperar uma ligação e ela nunca acontece. Toda a casa muda. Assim acontece com o corpo: emudece. Qual a real diferença se sairmos de cena? Então, se não pode me responder

o que é ter um filho, porque nunca teve um, como pode ter tanta dor por aquilo que não sabe o que é?

Ela
O que você quer? Desistir da vida porque ela acaba um dia. Teus exemplos são apenas os negativos. E os que morrem de velhice. E aqueles que perduram décadas sendo produtivos. Nós sabemos que vamos morrer, e que, talvez, tenhamos que passar por uma morte estúpida como a que você apontou. Mas o que isso tira a beleza, o encanto do viver? Eu sei que aí dentro dessa tua podridão pessimista que você chama de poética, filosófica, ou que porra for, deve estar me achando uma imbecil otimista, uma iludida. O que eu sei é que uma pessoa é um universo. Uma pessoa é grande, imensa. Se você não sabe qual a diferença entre viver e morrer é porque nunca aceitou a vida.

Ele
Eu vou te mostrar o que é viver. (*Ao fundo, os primeiros minutos do filme* Nossa Música de Godard*, sem som, e a cena continua*). A vida é uma sucessão de equívocos. A vida é sempre essa constante usurpação dos dias. É uma dor doentia que buscamos abafar com um sorriso. São essas muletas que usamos para não pensar: sexo, televisão, jornal, revista, bebidas, drogas, remédios, filmes, livros, artes, casamento, filhos... A vida é a luta ridícula contra o imponderável, contra o esquecimento. E o que pode ser pior? Tudo pode ser pior. Sempre!

Ela
(*Irônica*)

Nossa! Que bonito, que poético e definitivo. Por que então você manteve a chama acesa? Tanto prédio para se jogar, tantos caminhões na rodovia, tanto veneno, cordas e árvores, tanta navalha pra cortar os pulsos. Fica aí fazendo listinha do que é a vida, mas sempre foi incapaz de acabar com ela. Se você soubesse como uma viuvez me cairia bem. O quanto uma viúva de preto e óculos escuros é desejável. Ok, a vida é esse teatro consumista, é essa luta, é essa merda que você fala. E aí, campeão? O que você fez a respeito? Não se matou e não assumiu a luta. Ficou ruminando de fora. Você sempre foi um boizinho fora da manada. E não adianta se orgulhar disso, porque mesmo fora da manada você continua sendo um boi, continua pastando e ruminando como todos os outros, só que mais sozinho. E a vaca aqui, a vaca que eu sou caiu na tua conversa, veio pastar essa tua sensibilidade, essa tua verborragia capenga.

Ele
Mas afinal, o que mudaria em nossas vidas se tivéssemos um filho? Quero saber! Não saio desta casa sem uma resposta à pergunta. Vamos. Diga o que roubei de você?

Ela
(*Música*)

Não é bem roubo. Foi esse enredo, esse convite que me trouxe para esse lugar, para o teu lugar ausente de sonhos, de esperança, para esse pasto cinza onde você sempre pastou. Se houve roubo, você roubou um sonho. Mas como definir o que é um sonho para alguém como você? Roubasse uma vida que seria outra, mas como definir uma vida para alguém que nunca assumiu nem abdicou da vida. Acho que um filho é um flauta. Podemos tocá-lo de diversas maneiras. Mas como falar de um filho para alguém que sacrificou a possibilidade porque a possibilidade era algo terrível. Veja bem, a possibilidade... Talvez você não tenha gostado de ser filho. Qualquer psicólogo formado num curso à distância faria um diagnóstico do nosso caso. Nós somos pessoas falhas. Não posso dizer o que mudaria se tivéssemos um filho, mas posso sentir o que mudou em não ter um.

Ele
Nascemos para a tristeza, apenas.

Ela
Isso, continue! Você disse que a felicidade era uma construção. A tristeza também. Nós construímos a tristeza e nos construímos tristes. Essa foi a nossa escolha. A tua eu não sei precisar por que aconteceu. A minha aconteceu ao ter vindo viver contigo, ao ter me deixado seduzir por teu canto solitário e triste. Olhe ao redor, esse é o nosso pasto, ou o que restou dele. Nós vamos sair daqui? Nós vamos ficar aqui até que tudo seja engolido, ruminado, engolido outra vez? O que faremos dos fantasmas que nos assistem? Venha, sente-se aqui: vamos olhar uma última vez tudo o que "poderia ter sido".

Cai o pano

(*Projeta-se um curta-metragem realizado especificamente para a peça. Um louco lê o* Cântico dos Cânticos *num asilo. No asilo, sugere-se que tenham muitos anciãos em cadeiras de rodas... sentados em bancos... em pé... todos ouvindo atentamente, mudamente, o* Cântico dos Cânticos)

[Vittorio Brausen, educador e escritor,
Florianópolis, SC]

Voilá la Carmencita!

Foto: Acervo da família.

Como a história em conta gotas
Das rebeliões, tormentas e outros ventos
Isto há de ser o sido, o tido
O contido
Até as conchas do mar se tocadas abrem...
(Trecho do poema *Um Dia*, de Carmen Fossari)

Carmen Lúcia Fossari fez sua estreia na vida em 16 de julho de 1955, na capital catarinense. Sexta filha de uma prole de nove (uma irmã nascida antes de Carmen veio a falecer com um ano de idade) do pintor, desenhista, ilustrador, caricaturista e chargista Domingos Fossari e de Irene Maria Belli Fossari, não poderia adivinhar, mas a partir de então estava destinada a deixar, assim como ocorreu com seu pai, o seu nome escrito com destaque na história das artes de nosso estado e do país.

Impossível! Uma menina impossível! Carmen foi, a vida inteira, incansável e, para satisfação de muitos e terror de alguns, ininquadrável. Graduou-se em Letras, com habilitação em Português e Inglês, fez mestrado em Literatura e doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento. Mas o teatro sempre a conduziu, sempre a envolveu, sempre a impulsionou, sempre a identificou. Ou foi o contrário? Não sei ao certo!

Aos 18 anos, já integrava o TECA — Teatro do Estudante Catarinense e experimentava o teatro de vanguarda produzido pelos expoentes locais, como no espetáculo *Catacumba 2000*, escrito e dirigido por Sérgio Lino e encenado em 1974 no icônico, porém breve, Teatro de Arena do Miramar, sob as águas da Baía Sul que ainda margeavam a Praça XV de Novembro desta Ilha de Carmen. Dois anos depois, ainda uma menina estudante do curso de Letras, fundou, na esteira do experimentalismo, o seu próprio grupo de teatro, o *Grupo Pesquisa Teatro Novo*, que fez teatro e história nos últimos 45 anos.

Aos 24 anos, em 1979, passou a trabalhar como servidora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mesmo ano em que foi inaugurado o Teatro da UFSC. Sim, Carmen teve atuação fundamental e decisiva na transformação do antigo salão paroquial da Trindade em espaço cênico. Parte de um pequeno complexo arquitetônico adquirido pela universidade em sistema de permuta com a Paróquia da Trindade, do qual também fazem parte a antiga igreja (transformada em sala de música) e a pequena capela do Divino (destinada a aulas de artes plásticas), o "teatrinho da UFSC" ou "teatro da Igrejinha" passou a ser a segunda (alguns diriam a primeira) casa de Carmen Fossari. Este complexo abriga até hoje o Departamento Artístico e Cultural – DAC, órgão vinculado à Secretaria de Cultura e Arte (SeCArte – UFSC).

Mesmo ocupando o cargo de servidora técnico-administrativa, Carmen foi uma incansável mestra no desenvolvimento da pesquisa e da extensão voltada ao teatro. Foi diretora de espetáculos do DAC, coordenou e foi professora da Oficina Permanente de Teatro da UFSC. Ao seu estilo, ela não deixava nada por menos. Trouxe para o seio da universidade o seu grupo de teatro, que se tornou a porta de entrada de muitos universitários e outros membros da comunidade para a experiência do fazer cênico. Praticamente impossível sabermos, e provavelmente nem ela soubesse o número exato de novos ou experientes atores e técnicos que passaram pelas suas mãos neste longo período. Uma coisa é certa: Carmen ofereceu praticamente a sua vida ao grupo e ao espaço que idealizou, transformou e possibilitou a mais de uma geração de artistas. E deixou-se transformar na alma deles dois.

Quem se lembra daquela escadinha externa na lateral do "teatrinho" da UFSC? Pois é! Ela leva àquela saleta encarapitada lá no alto e de onde, por muitos anos, como no cesto da gávea de um velho navio, a Carmencita criou, planejou, organizou e vigiou a sua embarcação. Tenho na memória aquele espaço compartilhado por mesa, arquivo, cenários, figurinos, manequins, perucas, fantasias e, claro, sonhos. De tão abarrotado, já não a comportava mais. Em vez de esvaziar a sala, Carmen cedeu altruisticamente e mudou-se para outra, deixando as suas relíquias lá, no seu devido lugar.

Além dos incontáveis atores, atrizes e técnicos, também diversos autores catarinenses encontraram ou reencontraram o caminho do palco pelas mãos de Carmen e de seu grupo, com dramaturgia própria ou obras adaptadas por ela, como foi o caso de Flávio José Cardoso, Argus Cirino, Raul Caldas Filho, Lindolfo Bell, Eglê Malheiros, Harry Laus, Joca Wolff, Fábio Brüggemann, Cruz e Sousa, Clécio Espezim, Franklin Cascaes e Almiro Caldeira de Andrade. Confesso que duas peças dirigidas por ela tiveram um grande impacto em mim, que não passei por suas mãos como aluno ou ator, mas desde adolescente acompanhei-a enquanto público: *Mesa Grande* e *Circo Arena*, ambas de autoria de Clécio Espezim. Outra montagem que trago marcada na memória foi *Senhora dos Afogados*, de Nelson Rodrigues. Portanto, Carmen não só formou diretamente artistas e público, como também inspirou muitos com sua arte e sua abnegação.

A porta que fecham a ti,
derrube-a com tua mente e
tome um atalho,

eles como os rios
desaguam ao mesmo oceano.
(*Oceanar* – poema de Carmen Fossari)

E Carmen, o seu grupo e o seu teatro desaguaram. No velho ônibus da UFSC, correram o estado e quase todo o Brasil. E experimentaram, e gostaram. Teatro em palco italiano, teatro de rua, improvisações, teatro invisível, musical, comédia, drama, tragédia, jogral. Carmen ousou, alçou, oceanou. Integrou o Circuito Latino Americano de Teatro e levou a sua lona e a sua bandeira para o Chile, o Paraguai, a Argentina, a Colômbia, o México e para Porto Rico. E cruzou o Atlântico para se apresentar em Portugal (continente e Açores) e na Suécia.

Mas não foi só o seu teatro que correu por aí. Como poeta dedicada, bordadeira de uma poesia delicada e contundente, feminina e feminista, introspectiva e ao mesmo tempo engajada, lançou três livros, um deles intitulado *Lua, Palavra Nua*, com destaque na Bienal Internacional do Livro de São Paulo no ano de 2012. Teve poemas publicados também em Portugal, na Espanha e no México. Além de poesia, lançou também livro com sua dramaturgia.

Não é comum, mas é muito instigante encontrar pessoas que nos balancem, que nos levantem da cadeira, que nos tranquem por momentos a respiração com a sua simples presença. Carmen era assim. A sua chegada nunca era comum. A sua permanência muito menos e a sua saída jamais seria à francesa. E não era sempre teatro, embora às vezes parecesse e embora às vezes fosse. Era Carmen sendo absoluta. Incomodou muita gente e encantou outros tantos. Mas nunca, jamais, passou despercebida. Pelo contrário. Certa feita, lá pelo início dos anos oitenta, transcorria a Mostra Catarinense de Teatro, e assistíamos no Teatro Álvaro de Carvalho a uma peça concorrente. Carmen, na plateia, estava insatisfeita e incomodada com o que via e, de repente, lá vinha ela, descendo o corredor central entre as cadeiras, de joelhos e mãos postas, "rezando" para que acabasse logo. Deselegância, afronta, falta de empatia para com aqueles colegas? Para alguns, sim. Para outros, era só a Carmen teatralizando-se, ou seja, sendo autêntica e insuportavelmente a Carmen. Com esta mesma potência, ela se posicionava politicamente. Mulher de esquerda, indomável, combativa e sonhadora. Não tergiversava nunca e aceitava, do seu jeito, bons desafios. Foi assim quando aceitou o convite para assumir, por um período, o cargo de Assessora Especial da então Secretaria de Cultura e Esporte de Santa Catarina e foi assim quando experimentou o universo do samba e desenvolveu a pesquisa para o enredo da Escola de Samba "Os Protegidos da Princesa", de Florianópolis, no Carnaval de 2009. Prêmios recebeu vários e em funções diversas: autora, diretora, iluminadora. Um deles foi o internacional Prêmio Ibermedia Espanha para desenvolvimento de roteiro, "There where the little prince", sobre a vida de Saint-Exupéry na América do Sul. Dá para ouvir a gargalhada da Carmen ao receber a notícia.

No ano de 2011, Carmen, Sulanger Bavaresco e eu fomos admitidos na Academia Catarinense de Letras e Artes – ACLA e ocupamos cadeiras na área das Artes Cênicas. Carmen fez um brilhante discurso em nome dos empossados. Nunca mais a ACLA foi a mesma. Carmencita sabia sacudir as bases de qualquer estrutura. E o fazia consciente da necessidade de sacudir. Ela trouxe alegria, energia, irreverência e uma sensação muito forte de desacomodação. É o que tantos de nós sentíamos quando ela chegava em qualquer ambiente: aquela quase certeza de que, de repente, ela vai nos surpreender com algo.

Assim foi quando chegou a notícia de que Carmen havia nos deixado. Torci muito para que fosse mais uma peça, mais uma intervenção histriônica em nossa "quarentênica" acomodação, mais um jogo de cena. Fechei os olhos e esperei que tocassem os três sinais e a cortina se abrisse novamente, mais um ato que fosse. Não. Mas eu posso estar tendo a sensação de que foi o fim e na verdade pode ser que tudo só esteja começando; um teatro com os pés na cabeça e com a cabeça nos pés; um teatro bem absurdo! Foi num domingo, dia 18 de abril de 2021. Dia de função, se tudo estivesse como antes. Se não estivéssemos enclausurados, retidos nas coxias, fora das luzes, à espera de uma vacina que poderia ter chegado bem antes. Mas o coração de Carmen tocou seu epílogo e a luz foi caindo em resistência. Foi num domingo.

Domingante dia
Solaço
Solasso
prefiro o primeiro
Sol
recém digitado,
assim aproveito
e entrelaço,
findo o dia,
O anoitecer
com uma lua
vizinha de estrelas.
(*Sol Lua* – poema de Carmen Fossari)

Logo em seguida, as cortinas ainda estavam se fechando, a plateia já gritava em alto e bom som nas redes sociais: Teatro da UFSC = TEATRO CARMEN FOSSARI. O certo, o óbvio, o curso natural. À Carmen o que é de Carmen! A casa que criou, que instrumentalizou, onde praticamente morou, criadora e criatura. A simbiose incontestável. Plenamente aceitável que Carmen se transmutasse naquele teatro, já que aquele teatro, há muito, já havia se transmutado em Carmen. É oficial. O Conselho Universitário da UFSC aprovou. Estamos na fila da bilheteria para assistir à volta da Carmen, com placa e tudo, firme, imponente e com as portas do seu coração abertas para a sua saudosa plateia. Evoé!

[Antônio Cunha, ator, dramaturgo e diretor, presidente da Academia Catarinense de Letras e Artes – ACLA, Florianópolis/SC]

Mulheres, mães e suas histórias: empoderamento por meio do Teatro Playback

Por Clarice Steil Siewert

Os números e as histórias

A taxa de feminicídios no Brasil é a quinta maior do mundo.[1] No Brasil, uma em cada três mulheres sofreu algum tipo de violência em 2017.[2] Uma em cada quatro sofre algum tipo de violência obstétrica.[3] Metade das mulheres brasileiras está fora do mercado de trabalho, um ano após o início da licença-maternidade.[4] A depressão pós-parto atinge 26% das mulheres brasileiras.[5] Cerca de 31% (20 milhões) das mães brasileiras criam seus filhos sozinhas.[6]

Esses são dados alarmantes. Indicam o quanto o Brasil é um país violento, especialmente para as mulheres. Esse tipo de informação é muito importante para balizar ações de instituições e pesquisas. No entanto, números e dados são relativamente ineficazes para a mobilização das pessoas em seus cotidianos. Eles podem nos causar revolta, indignação, mas uma aproximação mais efetiva e afetiva com essa problemática se dá por meio das narrativas. Ao ouvirmos, realmente, as histórias das pessoas, suas necessidades e seus contextos, é possível termos uma compreensão de como esses números estão presentes em nossas vidas. Para gerar empatia e busca de entendimento, é necessário parar e ouvir histórias.

A minha história

Este projeto nasceu com a minha filha. Nasceu após minha vivência com a gravidez, o parto e o puerpério. Tornar-se mãe é uma grande mudança que atinge a identidade da mulher. Fui atingida desta forma: ao entrar em contato com a violência obstétrica, o isolamento social, os cuidados com o bebê, a pressão da sociedade sobre o que é ser mãe e as naturalizações de papéis.

No começo da gravidez, ao iniciar meu contato com a maternidade, tive a oportunidade de montar um espetáculo solo, dentro de um projeto da *Dionisos Teatro*, grupo do qual faço parte desde 2000. Aos oito meses, fiz a estreia da peça *Mãe-Criada*, resultado de entrevistas e encontros com diversas mulheres-mães, procedimento de montagem teatral já adotado pela *Dionisos* desde 2004. Essa experiência me fez entrar em contato com um olhar totalmente diferente sobre gravidez e parto, processos em que a mulher é a protagonista, retomando o poder que ela tem sobre seu corpo.

Mas só após o nascimento de minha filha é que realmente enfrentei os maiores desafios. Com as confusões de iniciar a narrativa sobre a minha maternidade, senti a necessidade de entrar em contato com outras narrativas. Fazer isso por meio do Teatro Playback me pareceu a melhor forma de criar esse espaço de compartilhamento, visto a experiência que tinha com esse formato teatral.

Dessa forma, com o respaldo da *Dionisos Teatro*, aprovamos o projeto pelo Edital Municipal de Apoio à Cultura de Joinville, que possibilitou cobrir alguns custos de divulgação e execução. Minha experiência com o Teatro Playback sempre foi na *Dionisos*, principalmente como atriz, mas também como condutora. Neste projeto, a ideia seria montar um outro grupo, durante um tempo determinado, para fazer Teatro Playback e compartilhar histórias entre mães, com ou sem experiência na área.

O projeto

Assim, o projeto "Mulheres, mães e suas histórias: uma vivência através do Teatro Playback" teve início em abril de 2018. O convite para a participação de mulheres-mães foi divulgado na imprensa e nas redes sociais, e oferecia um espaço para a discussão da maternidade por meio da arte. O grupo começou a se reunir aos sábados de manhã, de forma gratuita, para aprender este formato teatral e, por meio dele, contando suas histórias, gerar um espaço de acolhida, empatia e empoderamento (entendido neste momento inicial como um processo de conscientização sobre relações de poder e busca de emancipação pessoal). O lugar de ensaio foi viabilizado mediante parceria com o

[1] Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS). Disponível em: https://nacoesunidas.org/onu-feminicidio-brasil-quinto-maior-mundo-diretrizes-nacionais-buscam-solucao/>. Acesso em: 25 set. 2018.

[2] Pesquisa Datafolha. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contra-mulheres-no-brasil/>. Acesso em: 25 set. 2018.

[3] Segundo o estudo "Mulheres brasileiras e gênero nos espaço público e privado", realizado pela Fundação Perseu Abramo, em parceria com o Serviço Social do Comércio (SESC), em 2010.

[4] Segundo pesquisa? "Licença Maternidade e suas consequências no mercado de trabalho do Brasil", realizada pela Escola Brasileira de Economia e Finanças da Fundação Getúlio Vargas (FGVEPGE).

[5] Segundo estudo publicado em abril de 2016, na revista científica Journal of Affective Disorders. Disponível em: <https://bebe.abril.com.br/gravidez/26-das-mulheres-brasileiras-sofrem-com-a-depressao-pos-parto/>. Acesso em: 25 set. 2018.

[6] Segundo a Data Popular. Disponível em: <http://edicaodobrasil.com.br/2018/08/17/55-milhoes-de-criancas-nao-tem-nome-pai-no-registro/>. Acesso em: 14 fev. 2019.

Foto: Bianca Vidália.

Centro de Transformação Cultural Arte para Todos, instituição que oferece aulas de artes para crianças e adultos, com ou sem deficiência. .

Nos primeiros encontros, as participantes puderam conhecer a proposta e decidir sobre permanecer ou não. O projeto tinha um período de execução de três meses, sendo que ao final seriam realizados quatro encontros/apresentações com outros grupos de outras mulheres de comunidades periféricas de Joinville, de modo a conhecer outras narrativas de maternidade e potencializar a vivência no Teatro Playback.

Formou-se então um grupo de 12 mulheres, oriundas de diferentes contextos profissionais (principalmente das áreas de arte, saúde e educação). A condução era feita por mim, com o auxílio de Andréia Malena Rocha, também integrante da *Dionisos Teatro*, principalmente como musicista. Em sua maioria, as integrantes eram mulheres brancas, de classe média, com ensino superior completo, e tinham idade entre 27 e 49 anos.

Os encontros

Logo no primeiro encontro, surgiu uma questão que ajudou o grupo a compreender sua função desde o início: o que fazer com os filhos dessas mães que queriam participar do grupo e não tinham com quem deixá-los? Algumas mulheres logo apresentaram essa dificuldade. Não tínhamos um cuidador para as crianças pequenas. Decidimos encarar o desafio de abrir as portas para todas as mães com seus filhos, grandes e pequenos. Juntas, as integrantes se comprometeram a se ajudar, deixando as crianças e os bebês participarem dos encontros sempre que necessário.

Assim, com a ideia de não reproduzir a exclusão que as mães sofrem por não poderem participar ou usufruir de muitos espaços e eventos por não ter onde deixar seus filhos, entendemos que era necessário construir uma nova forma de conduzir as aulas-ensaios-discussões que oferecesse esse acolhimento. Foi com os bebês no colo e as crianças correndo pela sala que as integrantes aprenderam as formas curtas (escultura fluida, transição e pares), a improvisação de histórias e o trabalho da música. Mais tarde, durante as apresentações realizadas, a situação se repetiu: bebês em cena, filhos na música, atrizes tendo que sair. Entendemos que isso tudo contribuiu para gerar a empatia da situação, para aproximar as pessoas de nossa proposta, dar visibilidade para um dos pontos aos quais nos reuníamos. Afinal, a sociedade que discutimos através do Teatro Playback é uma sociedade mais inclusiva, mais compreensiva e respeitosa. As mães com seus filhos precisam ter seu espaço.

As atividades eram feitas de forma a trabalhar as seguintes questões: fortalecimento do grupo, aquecimento e expressão corporal, técnicas do Teatro Playback e espaço de compartilhamento. Era necessário não só ensinar as formas e os procedimentos do Teatro Playback, mas também garantir o espaço de acolhimento das his-

tórias, sempre balanceando técnica teatral e discussões temáticas. Algo muito interessante foi que, como veremos adiante, essas questões se retroalimentavam.

Com a construção de um ambiente seguro, as integrantes foram trazendo suas histórias para a sala de ensaio. E os números citados no início deste relato começaram a aparecer no nosso cotidiano. Ouvimos, encenamos e discutimos histórias e sentimentos sobre depressão pós-parto, romantização da maternidade, assédio sexual, culpa materna, preconceito e repressão em relação à sexualidade, separação, violência física, psicológica e obstétrica. Mas também dividimos histórias de solidariedade entre mulheres, orgulho dos filhos, superação.

As apresentações

Como forma de consolidar a experiência com o Teatro Playback e entrar em contato com narrativas de maternidade diferenciadas, o projeto ainda contemplou a realização de quatro apresentações para outros grupos de mulheres em comunidades periféricas da cidade. Por meio da parceria com a Secretaria de Assistência Social de Joinville, foram agendadas apresentações com grupos atendidos pelos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) do Parque Guarani, Paranaguamirim, Aventureiro, Comasa e Jardim Paraíso, além de uma para um grupo de adolescentes grávidas atendidas pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) do Bucarein. Durante a realização dessas apresentações, o grupo ainda foi convidado e realizou uma apresentação no acampamento de mulheres ciganas (único do gênero liderado apenas por mulheres no Brasil).

As apresentações foram agendadas e aconteceram em dias de semana, para contemplar os grupos de mulheres atendidas pela secretaria. As integrantes do grupo iam conforme suas possibilidades. De todas as participantes, apenas uma não quis apresentar (ela também optou por não encenar histórias nos encontros, participando mais como narradora). Fiz a condução, e a Andréia ficou na música. Contávamos sempre com cinco a sete mulheres em cena.

Nessas apresentações, tivemos histórias de sobrecarga da mulher no cuidado com os filhos, busca por satisfação pessoal, abandono pelos pais, distância do companheiro, partos complicados, solidão na velhice, importância dos grupos de apoio e do laço entre mulheres, saudade dos filhos, alegria com netos, filhos no uso de drogas, relacionamentos abusivos, adoção. Foram momentos de muita emoção e sinergia, conseguidos com o comprometimento das atrizes, que souberam imprimir arte e respeito para com as histórias e narradoras recebidas.

Foto: Leo Waltrick.

Os encontros ocorreram até o dia 14 de julho de 2018, de forma que o grupo continuasse ensaiando e discutindo as apresentações realizadas. Assim, a experiência de estar em cena e ouvir histórias de mães com realidades bem diferentes pôde ser discutida e compartilhada em grupo também.

A arte ampliando a escuta

Os encontros do grupo precisavam não apenas dar conta do ensino das técnicas teatrais, mas ainda ser espaço de acolhimento e discussão de histórias. Geralmente, fazíamos as cenas, acolhíamos a narradora e seus sentimentos, discutíamos os temas e, por fim, refletíamos sobre as questões de encenação. Por vezes, havia uma aparente dualidade entre acolhimento e treino técnico, pois era necessário parar um para dar espaço ao outro. No entanto, grandes momentos de ampliação da escuta da história se davam justamente ao discutirmos a forma da cena.

Já nas primeiras cenas de ensaio do grupo, apareceu o uso dos tecidos como elemento simbólico, principalmente em cenas de violência. As imagens criadas, quando trazidas para o momento de compartilhamento, tornaram-se tanto aprendizado poético e cênico quanto objetos de ampliação do olhar sobre as situações. A atriz, utilizando um tecido para encenar um abacateiro, foi mais do que uma árvore, um elemento da história. Foi também a imagem do medo da protagonista, assim como tantas outras leituras, tornadas possíveis pela polissemia que uma imagem poética proporciona. A compreensão de que a cena realista não é suficiente para representar os sentimentos, as ideias e os acontecimentos da história foi logo consolidada. As discussões sobre volume de voz, colocar-se em cena, fazer-se vista pela plateia também passavam por discussões pessoais sobre insegurança, medo, autoestima. Passamos pelas discussões sobre querer "consertar" ou "melhorar" as histórias, inventando muitos elementos e finais. Elas abriram caminhos ainda para discutirmos nossas crenças, romantizações e julgamentos acerca das situações narradas. Questões sobre julgamento e preconceito também apareceram quando discutimos a construção de personagens estereotipados e a consciência que devemos ter para seu uso. Na limpeza das cenas, questões de atuação como ouvir e se fazer ouvir pelos colegas e a aceitação das propostas de cena também nos levaram para temas mais amplos, tais como o trabalho em grupo e o individualismo de nossa sociedade.

O Teatro Playback é uma prática artística complexa, já que se propõe a ouvir histórias pessoais. Mas o trabalho técnico-artístico não se contrapõe aos aspectos de acolhimento, de dinâmica de grupo e de discussão temática, entre outros que aparecem em apresentações, mas, principalmente, em trabalho coletivo. Eles se retroalimentam e são elementos de uma mesma prática única e sensível.

Foto: Bianca Vidália.

Contar histórias para quê? Para quem?

Após o término das apresentações e do projeto, as mulheres-mães decidiram continuar. Formou-se então o grupo *DeMães Teatro Playback*. Os encontros passaram a acontecer de 15 em 15 dias, contando ainda com a parceria do Centro Arte para Todos como espaço de ensaio. O grupo busca um autogerenciamento colaborativo, revezando os papéis de condução e música para não depender da presença das integrantes da *Dionisos Teatro,* e continua aberto para novos membros.

Com essa nova configuração, mais três apresentações foram realizadas, sendo que o grupo vem discutindo sua atuação, entendendo-se como ativista em prol do empoderamento feminino, com especial atenção à questão da maternidade. Essa escolha vem pautando os locais e os públicos atendidos, assim como o caráter sem fins lucrativos. O processo de se tornar um grupo, manter os encontros para ensaio, as discussões e realizar apresentações vem trazendo os questionamentos acerca do para que e para quem fazer Teatro Playback. Saber quem somos e por que queremos apresentar é fundamental para sabermos como agir. Por isso, é necessário problematizar um conceito central ao qual o grupo se apoia, que é o empoderamento feminino. A Profa. Dra. Cecilia Sardenberg, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), ao escrever sobre os grupos de conscientização feminina, aponta como o conceito de empoderamento,

Foto: Leo Waltrick.

apesar de sua raiz radical, foi também cooptado pelo quadro teórico-metodológico e político neoliberal (SARDENBERG, 2018, p. 18). Ela destaca duas abordagens, sendo a primeira justamente o "empoderamento na perspectiva liberal", em que o termo seria apenas um instrumento para o desenvolvimento da sociedade, através de um crescimento individual com interesses próprios. Já a segunda abordagem seria o "empoderamento para a libertação", que pretende discutir as relações de poder, promovendo a autonomia das mulheres e o desmonte das estruturas patriarcais. Essa perspectiva enfatiza as ações coletivas, mas também o crescimento pessoal: "No plano pessoal, o empoderamento de mulheres se refere aqui ao processo da conquista da autonomia, da autodeterminação, enquanto no plano político diz respeito ao desenvolvimento da força política e social das mulheres como um grupo ou minoria. Mas um depende do outro, ambos trabalhando no sentido da libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero patriarcal." (SARDENBERG, 2018, p. 18)

Essa sistematização ajuda a nos colocar como um grupo que busca um empoderamento para a libertação, entendendo que somos parte de uma sociedade construída sob o domínio do patriarcado e vivemos no cotidiano as sequelas dessa construção. Concordando com Sardenberg, acreditamos na relevância dos espaços de conscientização e ação coletiva, a exemplo dos grupos criados na 2ª Onda do Feminismo nos EUA a partir da década de 1960. A ideia de que o pessoal é político[7], lançada neste movimento, vem ao encontro de nossas discussões no grupo *DeMães*, que ainda se estrutura em sua identidade e atuação, mas que se fortalece na troca de experiências vivenciadas por meio do Teatro Playback. Nossos encontros (seja nos ensaios, seja com outras mulheres em apresentações) buscam propiciar momentos de troca que nos ajudam pessoalmente a lidar com as belezas e dificuldades de ser mãe e mulher no Brasil. Mas não queremos nos ajustar à sociedade, que consideramos injusta e baseada num individualismo e numa competição que aliena e desumaniza, e sim buscar em conjunto a compreensão e o questionamento das relações de poder às quais estamos submetidas.

Visto isso, outro movimento de reflexão que é necessário ser feito é a compreensão da enorme desigualdade social do país, que gera um abismo em termos econômicos e culturais entre as diferentes classes sociais. Quando fazemos apresentações para diferentes grupos de mulheres, precisamos ter a consciência da realidade e das condições de vida dessas pessoas, que, na maioria das vezes, é bem diferente da nossa, grupo no qual a maioria das integrantes tem formação superior, renda e apoio familiar. Se para nós já é difícil lidar com a violência, com o preconceito e com a exclusão de uma sociedade machista, essas questões podem ser muito mais dramáticas para a mulher-mãe negra da periferia, ou

[7] Expressão usada por Carol Hanisch, num texto de 1969, em relação ao movimento feminista, defendendo a ideia de que os problemas do cotidiano da mulher eram fruto do patriarcado, a serem discutidos coletivamente, e não apenas na esfera privada. Citado por Sardenberg no texto aqui mencionado.

mesmo para os grupos de mulheres indígenas, quilombolas, sem-terra, ciganas e tantos outros que não têm o mínimo de amparo social necessário para uma vida digna e segura.

É preciso termos consciência também dessas diferenças estruturais, para que nosso exercício de escuta através do Teatro Playback de fato possa proporcionar um diálogo, e não apenas reafirmar nosso lugar de privilégio.

O sociólogo Jessé Souza, pesquisador da desigualdade social no Brasil, fala do racismo culturalista, que substituindo o racismo científico que separava as pessoas pela cor da pele, passa a separá-las pelo capital cultural. Presente como discurso dominante, ele dá embasamento para todo tipo de violência: "O culturalismo, falso cientificamente como ele é, cumpre assim exatamente as mesmas funções do racismo científico da cor da pele. Presta-se a garantir uma sensação de superioridade e de distinção para os povos e países que estão em situação de domínio e, desse modo, legitimar e tornar merecida a própria dominação. [...] O racismo culturalista passa a ser uma dimensão não refletida do comportamento social, seja na relação entre os povos, seja na relação entre as classes de um mesmo país. Um brasileiro de classe média que não seja abertamente racista também se sente, em relação às camadas populares do próprio país, como um alemão ou um americano se sente em relação a um brasileiro: ele se esforça para tratar essas pessoas como se fossem gente igual a ele." (SOUZA, 2017, p. 18 e 19) Esse discurso dominante separa corpo e espírito, sendo o corpo inferiorizado (animalizado) em relação aos homens de espírito. Prega que as classes superiores, que detêm o conhecimento valorizado, são melhores que os trabalhadores braçais; os homens são percebidos como espírito, as mulheres como afeto, relegando-as "naturalmente" aos serviços invisibilizados do cuidado; entre outras crenças naturalizadas que compõem o pensamento moldado pelas mídias, respaldado pelos intelectuais que propagam o culturalismo.São esses tipos de crença que precisamos combater se quisermos realmente oferecer um espaço de empoderamento por meio do Teatro Playback. O conhecimento de como nossa sociedade foi forjada pela escravidão (e seu inerente pensamento de que existem seres humanos mais capazes/merecedores do que outros) é essencial para que possamos estabelecer um diálogo com todas as mulheres, sem naturalizar nem invisibilizar nossa diferenças estruturais: "Mais uma vez, as ideias, os valores, os preconceitos são todos sociais e não existe nada de individual neles. Mesmo quem critica os preconceitos os tem dentro de si como qualquer outra pessoa criada no mesmo ambiente social. O que nos diferencia é a vigilância em relação a eles e a tentativa de criticá-los de modo refletido em alguns e não em outros." (SOUZA, 2017, p. 171)

Foto: Leo Waltrick.

As estatísticas colocadas no início deste texto dizem respeito a uma sociedade; entretanto, as suas expressões reais aparecem nas histórias que contamos e ouvimos nos encontros do grupo *DeMães* e nas apresentações que fazemos. Somos mulheres, com nossos filhos no colo, e queremos ouvir e ser ouvidas. O Teatro Playback vem sendo nossa expressão de luta que se faz eficiente pela arte e pelo diálogo que promove.

As vozes das integrantes: relatos de vivências

"O projeto trouxe uma riqueza de emoções, autoconhecimento, percepções e questionamentos com relação ao ser feminino, ao ser mãe. Propiciou um crescimento com relação à conscientização da diversidade de desafios que nós, mulheres, vivemos, da solidão que todas nós vivemos. [...] Os ensaios, as apresentações despertaram o meu corpo para novas formas de comunicação, de criatividade que não estava acostumada a 'acionar'; isso implica ganhos positivos de percepção de mim mesma, do meu entorno e das minhas relações. [...] Se já tínhamos ganhado muito de conhecimento, de fortalecimento, de experiência nas trocas dos ensaios, nas apresentações isso explodiu! Nos trouxe realidades ainda mais diversas que as nossas, nos colocou de fronte a mulheres diferentes, mas muito iguais a nós. Me fez reconhecer a mim a partir de novos pontos de vista, já que me vi sob a ótica destes novos contextos. Me reformulou." A. M.

"[...] O que o projeto ofereceu foram experiências de extrema complexidade envolvendo entrega, afeto, confiança e muita empatia, promovendo possibilidades de desenvolvimento pessoal de uma maneira integral. [...] O projeto ampliou a minha concepção sobre as interlocuções entre arte e cotidiano, arte e vida. O projeto revelou atravessamentos e diálogos entre essas esferas, reeditando a forma como me relaciono com elas." C. S.

"Consegui, nesses encontros, descobrir caminhos e jeitos diferentes de ser Mãe. Jeitos tão belos quanto diferentes dos padrões românticos. [...] Encontrar outras mulheres no CRAS nos fortaleceu ainda mais, de modo a acreditar que somos capazes e podemos dar vez e voz a outras mulheres. [...] Acredito muito no poder das Mulheres reunidas. Quando viramos MÃES, muita coisa muda, a visão de mundo se transforma. Você se reconfigura em volta da cria e nada mais é nem pode ser como antigamente. Por outro lado, tem o Machismo que oprime, tem o sistema que trata com desdém as questões da Maternidade. Não há espaço de discussão para as questões mais sutis que emergem com o ventre recém-parido. [...] Desde os exercícios físicos até o recorte das histórias para encenação, tudo foi se complementando e permitindo a iminência de múltiplas significações, seja através do corpo, da voz, dos caixotes e tecidos. Sem contar esse aprendizado da escuta atenta. Ouvir com o corpo. Ouvir com o coração. [...] O que aconteceu paralelamente aos encontros de Mulheres foi a composição de um Grupo de Crianças, no caso, nossos filhos. Nossos pequenos transitavam entre o andamento das oficinas e a exploração dos espaços. Já se conheciam pelo nome e planejavam o que fariam se o amigo também fosse. [...] O que aconteceu foram apresentações acontecendo junto com as crianças. Incrível a versatilidade dessa proposta capaz de dar conta de absorver uma demanda que geralmente é motivo de exclusão social." G. P.

"Durante os meses da oficina, ouvi relatos de histórias de abuso, violência e abandono, com verdades que continuam latentes em minha memória. Assim como também ouvi histórias de conquistas, alegrias e muito amor! Ver o outro, ouvir o outro, de verdade, de igual para igual, nos ensina a sermos mais humanos e a entender e respeitar melhor a nossa essência feminina e materna, sem tantas culpas e julgamentos. [...] Ao longo das aulas, formamos um lindo e diverso grupo de mulheres e crianças. E, sim, o fato de os nossos filhos poderem estar lá, com a gente, fazendo parte, foi fundamental para encontrarmos esse vínculo e também o equilíbrio necessário para lidar com questões tão profundas e complexas." I. S.

"Poder compartilhar as dificuldades da maternidade e do ser mulher com outras mulheres, de diferentes realidades e contextos, nos aproximou, pois tivemos a oportunidade de nos conhecer melhor nas dores e alegrias de ser mãe/mulher. Principalmente as dificuldades, pois as coisas positivas são mais fáceis de compartilhar com outras pessoas. Nesse espaço foi possível ouvir e ser ouvida." J. S.
"Os vários momentos de compartilhamento de histórias, tanto nos ensaios quanto nas apresentações, me ajudaram a compreender várias angústias e amarras em mim; me arrancou da solidão que eu estava sentindo e me deixou mais forte para combater essas injustiças por aí. Porque mesmo que o teatro em si não tenha as ferramentas para mudar o sistema, mulheres fortes juntas têm. Isso que o projeto me confirmou. [...] A apresentação para as mulheres ciganas, principalmente, ampliou o que eu já acreditava, que o teatro é para todos, independentemente de educação, cultura, classe social, conhecimento acadêmico. Quando pessoas se encontram, é teatro que acontece." M. R.

"Estar em um grupo com o qual me identifico fez com que eu pudesse me perceber em alguns aspectos que habitualmente ficam 'adormecidos', na correria do dia a dia. Além disso, permite autorreflexão e capacidade de encarar desafios, possibilita o fortalecimento de meus ideais." S. Z.

[Clarice Steil Siewert, professora, psicóloga e atriz da *Dionisos Teatro*, Joinville/SC]

OCO

a forma é revolucionária?
o meio é a mensagem?

(experimentar vozes dissidentes)

o ator estende a mão — o braço direito à frente, recolhe-os e dá um tapa no lado direito de seu próprio rosto (2x)

o imponderável faz parte do jogo?

(PROJEÇÃO PARALELA AO FUNDO:
À EXPANSÃO DAS MARGENS: sonorizar, compor)

A: Que arranjo individual e coletivo tu incorporas?
Como permites deixar viver aquilo que tu não queres?

Quando possível, enquanto vivo,
Guio e vitalizo um homem que escuta
Mas todos os dias desvio os olhos de uma maioria que desconheço,

Por vezes arrancam.
Aquele e aquela que desconheço
Às vezes me arrancam um pedaço – todos os dias.
Não o desconhecido,
apenas a gente – desconhecida.
Então nada tira os olhos
Daquilo que evita.
E os arranques estão expostos.

[em pé]

(PROJEÇÃO PARALELA AO FUNDO:
***LA REVOLUCIÓN RELACIONAL**)*

B (*aquilo que afronto*): Eu não saio da sua frente. Não carrego as fezes de outros cães. Não tiro meu lixo do chão. Não falo com artistas. Não falo com pessoas que acho bonitas. Não falo com pessoas bem vestidas. Não falo com brancos. Tenho tics nervosos, 60% de audição. Não parei de fumar. Não falo com estranhos. Não falo com nada que é belo, todos os presentes são estilhaçados nas pontas!?

Dança sozinho? O quê? Pede permissão a 1 pessoa?
Dança com ela?

II. A vai até às velas (meia vela branca; uma vela preta inteira — ambas acesas), à imagem-palavra "indifférénce":

A: Mostre-me os pedaços. O que pari e abortei.
Mostre-me um pedaço arrancado!?

TERROR Y AMPARO.

B: Não o vejo. Você é invisível a mim. Quando você anda, meu corpo imediatamente sente mais sede, fome (*fumaça*);
as pontas se multiplicam.
A: Algo precisa deixar de estar...

B: Meu bairro contém a antípoda do coração de todos os bairros. Nenhuma pele pode ser limpa. Nenhuma pele pode ser suja, meu indivíduo é mudo. Eu falo por todos os buracos.

A: Cabe nada no corpo.

B: Quando mais diz o que não fala, mais corre o que não sai do lugar.

A: E então comer é subversivo. Dormir é subversivo. Tudo para acordar num campo exausto, visitado por um enorme cansaço.

[*toma a água até perder o fôlego*]

B: Sede? Eu nunca soube jogar sozinho numa terra em que as mãos são da disputa e os pés da posse. Cadê minhas penas?

A: Posso suportar sua apatia e anestesia. Se confio em alguma coisa, não quero um mundo indesejável. Eu quero um novo sono acordado, raro! Afastar para reunir. Gozar por encontrar mas amar meu sono, meu corpo acordado. E amar o mundo acordado, em tudo o que eu ganho pelo não.

B: Mas eu também sou feito de arranques e estagnações.
Já sei o que quero dizer, mas gostaria de também poder falar por vocês.

A: Mas e se a tudo pertence o engano?
Eu quero a violência suficiente e necessária, não a gratuita.
O que te propõe outra vista?
Meu canal de fluxo é de esgotamentos. A virada de onde nada mais passa para uma coisa sem forma, tonta, em agonia, vazada e inconsistente. Minha dança não tem corpo. Meu amor, nenhum objeto.

B: Que experiência pode ser coletiva quando o coração do desconhecido é a repulsa? A experiência coletiva é um ato terrorista!?

A: Espíritos e corpos irremediáveis. Quem se prepara para estar perdido; quem se prepara para ser desnorteado; quem instaura os limites no corpo da natureza? Teu corpo ainda dança parado.

B: Quem parte o corpo desse processo? Quem começa e quem termina? O que desfaz os elos dos corpos na cidade? O corpo dos amigos da cidade nos partiu!

A: Já fez acordar, já fez viver...

B: ... Um ponto de interrogação!?

você tem uma curva e um ponto:
uma curva fora e dentro
e o caminho para um ponto.
Antes do ponto de interrogação, uma imagem:
A imagem do oco.
O oco é do tamanho de um ovo.

Mas é casca sem vitelo.

Uma linha. Um barbante neon atravessa o oco

O oco atravessado faísssca
Em cima e embaixo do oco

Do oco não sai faísca
Mas do frissón do barbante no oco

A: Se o todo está na parte e a parte está no todo, quanto tempo dura, numa explosão, uma vida inteira?
Porque eu não suporto mais viver uma explosão... aos pedaços de uma vida inteira. Do confinamento eu ainda posso esperar...
Mas nenhuma garantia vale a vida inteira.

B: No coração do inferno, todos os paraísos são imprevistos.
Cuidado ao atravessar os cruzamentos de nossas vias gastadas...

A: Querer a negação, morder a vida.
A brutalidade não sorteia a delicadeza. A delicadeza permanece fechada. A brutalidade não tem comunicado a delicadeza.

B: A mensagem chega na intenção. Mas a intenção tem seus limites. A força que me mantém positivo é correlata à força que o mantém negativo? Como é múltipla a vida, a linguagem corre...
Textura, cheiro, corpo, carne correm. Um barulho rodando... O barulho do mundo gasto rodando... Meu trabalho é ver-te em qualquer coisa e qualquer parte.
E o barulho do mundo gasto parado rodando... Rodando...
Parado.

A: Em busca de um desejo solto, distante, distraído e curvo, quero um desejo de memória curta. Esquecido.
Um desejo esquecível mas não morto; não vivo.
Desejo um objeto que se imploda próprio desejo.
Expulsa-me! Traga-me para fora de dentro... nunca.
A revolução acontece quando ela é tão válida quanto o seu oposto?

B: Está extinta... extinta toda e qualquer forma de representação, toda e qualquer tentativa de resolução.
As ordens se renderam à política hipersensível,
À história com déficit de atenção, à filosofia com crises de ansiedade,
à física das síndromes de pânico,
à normalidade dos estados de exceção.
Tudo disputa a sua vida. E tudo em sua vida disputa esta força...
acaso tu arrancas da terra mais que o suficiente e com tuas próprias mãos?

A: Parem... Minha vida agora não tem corpo.
E não é sobre tentar, nós conhecemos a ilusão, a utopia:
A utopia é um som que toca os fundos do mundo e fura as geleiras do corpo, atinge as barreiras do fluxo — os fundos do chão;
Ela é um som que permite, recebe e aceita; mais alto que a repetição;
o silêncio de todos os gritos: um som que se esgota, e que, exaurido, escuta...

B: A redução das velocidades nos corpos; a retenção dos desejos e das vontades nos corpos da terra. As reduções da terra sobre si mesma.
O civil selvagem. Eles querem manter aquilo que não surge!
Então...

[*sopra os pós de gizes*]

A: Qualquer coisa que eu inspirasse era coisa morta.
Qualquer coisa que não era eu era coisa morta.
Eu também coisa morta para tudo o que não era eu,
eu a tentar fazer brotar uma vida numa coisa morta.
Estão cegos, videntes? Por quanto tempo *sobrevive* um corpo
eximido de toda e qualquer forma de amor ou piedade?

B: Onde enterram esta vida morta? Noutro corpo instrumento,
objeto? Noutro corpo vivo?

A: Quem pode acordar um corpo que não se acorda pelo que está acordado? Quem pode abraçar um corpo que não se abraça pelo que está... abraçado? Para tentar reunir o que não pode ser reunido, positivar o negativo, negativar o positivo, explodir o que precisa ser visto e o que não pode ser, exterminar a censura, simular acordos num sistema selvagem, continuar a viver porque pensando.

Quem pode acertar um alvo que não se atira, a dor permanente, ou correr por meio da dor que não se parte, não sabe se distribuir? A vida pra mim é um canto possível, a dor tentando, um meio que pode ser extinto, a mudança por vir, e também a pele alérgica, a paraplexia, tudo aquilo que não posso agora, a vida negada e reprimida. Tem também o que pode não ser vida, aquilo que vem do leite azedo, do queijo velho, de um torcicolo ou da história de um curto-circuito. Mas a vida da palavra é também um corpo imóvel, uma dor anterior, o sustento do sórdido, a permissão da morte, o consentimento do absurdo.

B: Nada me absolve, mas tudo me antecede.
Qual o corpo deste alento?
Há um tanto, uma porção deste corpo em todos os lugares?
Para onde não quero voltar? Onde morre a relevância?
Pra onde vai tudo aquilo que me foge,
aquilo que não se apresenta, não reage e não replica?

A: Nós não estamos atrás de você. Nós temos teu colo.
Temos tuas mãos; às vezes a cabeça.

Veja: carrego-te sem que tu queiras,
quase toco teus ombros jovens já arqueados.
Parece que tu não tens saída.
Travo teus calcanhares sem que tu percebas.
Sento sob teu colo. Dou folga à esperança.
Também cubro teus olhos. Tu continuas a enxergar, apenas não vês uma porção das coisas. Jogas tua cegueira sob minha morada.
Quase não sabes o que evitas.
Novamente aqui estou: há três minutos atrás de ti.
Não percebeste minha ausência. Tua cegueira recusou minha morada e andas com ela por aí — a minha ausência — como um volume indispensável. Nós somos qualquer pessoa.
E nós temos teu colo;
não vos damos.
B: A entrega, a doação diária quase ultrapassava os limites, as fronteiras do permitido e da consciência. Em rodeios, esta figura — que não era homem — punha panos quentes sobre a roda, reunia toda a ardilosa trama de desejos e dava-os por satisfeitos em vácuo e limbo. Num inócuo e infértil sonho de morte, onde nada

acontecia ali tudo estava: a mentira dentro da verdade a dizer... A diluir o coração do cérebro, e o cérebro do coração. É assim: cada ação minha tem mil anos-luz, bate e volta desde as minúcias — e não se perde. É reintegrada.

[*desce da cadeirinha*]

A: No muro dos pessimistas há otimistas inclinados. Porque tudo se provoca e se atrai. Tudo se estimula e tece para tudo se desprezar. E tudo embala o desprezo. Tudo fatalmente funde-se à indiferença, à neutralidade e ao encontro impossível. Quando a guerra, a dor e o infortúnio são grandes, eu manifesto um lamento que quer ser morto. Há quem não encontre o lamento — e esse lamento às vezes mata aquilo que encontra. Mas se não há valor inerente à vida e à morte, não há jeito ou modos. A paz é uma saída parcial — quando o corpo da guerra instaura seu corpo de relações...

B: Para a guerra, eu te pertenço ao te expropriar; deslocar a casa do teu corpo; pertencer à tua expulsão; caber no quase nunca; afastar a consumação; contentar o desejo desviando a posse; caber no quase final, quase pegar, quase ir; quase morrer ao partir ficando. Para a igualdade que não vejo existir, eu canto a tensão das diferenças. A crueldade mínima é, às vezes, um presente indispensável — e inegável.

A: Eu sou uma bomba contemporânea. Tão dinâmica que não explode. Ela é ativa esparsamente, e por setas. Conduzida pelo caos. Ingrata para a a ordem, a temperança. Sem qualquer ponto estável. Tão aberta quanto incomunicável. Apenas gero disparates. Sou uma bomba a explodir o que não cessa de acontecer, o irreconhecível. Instauro um peso que não pode ser reconhecido, e vivo porque é proibido. Vivo para exterminar minhas chances: e vivo também do que resta daquilo que não posso escolher.

B: Há períodos da vida em que as pessoas morrem. Então moram como em casas semicerradas no próprio corpo. Dali não abrem portas, janelas, alguns nem mesmo às frestas permitem saída e circulação. Mesmo quando escuro, finjo que visito e encontro às claras.
Transito num espaço que quer abrir alguma coisa. Mas os corpos estão ocupados em abrir e fechar minhas chaves narcísicas. Trazem a mim Narciso, soterrado, de calça e casa cheias. Trazem também Narciso das trompas de Falópio de uma frota de coração morno, natural...
Olham desconexos, os humanos. Máquinas não foram feitas para contato. O contato e a delicadeza, para as pessoas, também não?

A: Tudo o que racha e rompe pode deixar de romper ou rachar? Tudo o que suja um velho sistema quer instaurar um sistema novo? Em cada canto do espaço, um astro ultrassingular certamente maior que o espaço
vive sua expansão máxima, que é também menor que você. Eu tenho fome de me apagar justamente onde eu não gostaria.

B: Meu anúncio é o esgotamento do que a boca fala. O descaso das tentativas de troca corporal, e de toda a parafernália humana inovadora e repetente. O esforço de tudo o que vive ao lado e ausente, empenhado em sumir, desaparecer. Mal sei o que me causa amparo nas agulhas. Todas as coisas me esgotam. E eu esgosto — a todas elas esgoto.

A: Diálogos com o mundo não escolhido: viver todos os dias.
Sem verdade e sem caráter. Até que um dia seja explodido numa mentira qualquer. Afinal, terás ou não da vida o que nem sabes que queres?
Falo isso de olhos abertos, quase sem opções. Mas por todo o tempo crio e invento enquanto morro e destruo. Observo, morto em vida.
Pessoas balançam, agitam-se.
Geram sustos,
"muito barulho por nada", tédio, qualquer coisa pouca. O amor que não existe não passa. Onde está este corpo que não sente? Ele é meu ou da cidade? Por que não sou nutrido pelo corpo social, pelo corpo da cidade? Não há nele, a mim, alimento afetivo complementar? Excelentes desprezando — vocês mesmos os desprezados. A cidade é um grande corpo cheio de limites.

B: Já a harmonia é caótica. Uma bomba que implode, imperceptível, e que não pode ser conduzida mas espalhada, distribuída, assim como a dor. Quer tu escolhas ou aceites — não passarás de querer. Não se inventa o que já está dado? Nada além de trabalho: essa ópera física, presa e amarrada à própria liberdade. O corpo ainda é um abismo e deste abismo sai-se sem ajuda.

A: Nem mesmo a morte pode um dia ser tão completa. Mas que tipo de inferno dará por renascer tudo o que foi — e não foi — sacrificado?

B: Pequenos gestos maciços geram reações gigantescas. Aquilo que compensa é uma força que se atrasa ou se adia. A realização não precisará do fim — nem do começo.

A: Veja: eu também aspiro a porção que o afrouxa. Derramo pedra, toco, corte; vivo a dispensa. Eu não vivo o meu futuro sobre a tua pele. Eu não envelheço, eu despenco, eu caio sobre a pele da terra. Derrubo forças fantásticas entre os musgos dos muros, enquanto a norma faz de mim uma afronta. Toda... eu menstruo nos abismos possíveis de um templo inimigo. Quase morri no meu templo amigo. Quase morri no meu
templo tóxico.

B: A fenda! Esta eu explodi ao passar. Trouxe meus cadarços sonoros — que eu vivo amarrando — ao dançar por toda a parte. Danço sem corpo para a vida do futuro. Danço para a linha da desova, ao litoral negro, e não há sangue. Danço para a inatividade daquele outro futuro, a sombra da paz.
Danço o que nunca fez sentido,
a cor da perda, a dor da cerca-isósceles. O horror do amor, a paz da guerra,
a vitalidade
do vínculo
que rompe.

—
Imaginários ao espaço:
1- inclinação;

Premissa de escrita: as batatas.

[Paulo Ramon, ator, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Teatro, UDESC, Florianópolis, SC]

Borboletas não gostam de frio

PERSONAGENS
Karin
Marlene
Petra

CENA I

um quarto/atelier espaçoso. Marlene trabalha concentrada em um croqui. A campainha toca. Marlene abre a porta.

Karin: Eu sabia que você estaria em casa, certas coisas não mudam. Ela demora muito pra chegar? Não faz mal, eu espero. Vai ser bom colocar a conversa em dia. Faz um suco pra mim? Eu tô morrendo de sede! As coisas continuam bem como eu me lembrava. Eu envelheci muito? *(se olha no espelho, de perto)* Eu acho que estes anos até que me fizeram bem! Não tem nada melhor que a maturidade, Marlene! Ser segura de si. Ela vai querer me destruir com palavras: vai dizer que eu engordei, que estou cheia de rugas. Vai me ofender, dizer que eu não tenho mais o viço necessário pra carreira que ela tem a me oferecer, que eu estou acabada. Depois vai me abraçar e dizer que me ama, e se eu ficar com raiva e disser que vou embora, ela vai me oferecer um *drink*. *(anda até o bar, prepara dois gim-tônica)* Vai dizer que me ama, que me ama, que me ama... vai falar sobre o quanto ela chorou na minha ausência, vai contar das vezes em que ficou esperando que eu voltasse, que eu entrasse por aquela porta e voltasse pra casa. Ela vai me abraçar e dizer que me ama, e vai achar que isso é o suficiente pra que eu me esqueça de tudo. Bebe comigo! A gente nunca tomou nada juntas. Você ficava aí trabalhando, trabalhando, trabalhando... Só hoje. Toma!

entrega o drink *para Marlene. brindam. se encaram.*

Eu precisava falar com você, queria ouvir a sua voz, saber de você. Depois de todo este tempo, a única culpa que eu carrego foi por ter te deixado aqui com ela te devorando, te engolindo. E eu sei, eu sei muito bem que tem um lado seu que gosta de ser devorado, engolido por ela. Você se sente viva, necessária. Você acha que ela não viveria sem você. Ela viveria sem você. Ela te trocaria por outra assim que você saísse por aquela porta. Você se acha importante demais, insubstituível. Ela tem esse poder de fazer com que você se sinta única. Eu sei como é isso.

Karin se aproxima de uma prateleira cheia de origamis, pega um de borboleta.

Quando eu era criança, eu era fascinada por borboletas. No verão, eu me sentava no jardim depois do almoço, quando o sol era mais forte, e ficava vendo as borboletas dançando juntas: de todas as cores, elas brincavam ao sol. Era tão bonito! Eu achava fascinante a ideia de um bicho peludo, limitado e esquisito como uma lagarta se transformar em algo tão leve, bonito e livre quanto uma borboleta. Eu me achava uma menina feia e sonhava com o dia que ia me transformar e sair voando por aí, pra onde eu quisesse, sem destino certo, só seguindo meu instinto, minhas necessidades. Ficava horas observando as borboletas no jardim, tinha umas tão bonitas: as asas fechadas eram completamente diferentes das asas abertas: quando voavam, eram de um azul cintilante; quando pousavam, eram preto e branco. Tinham sido lagartas, virado borboletas e ainda assim eram diferentes, dependendo da forma que eu olhava pra elas. *(silêncio longo)* Você não tem vontade de ser livre, Marlene? De fazer o que quiser, quando quiser, de ser quem você quiser? Você não precisa se anular pra que alguém fique com você! Você pode agir, ser menos passiva, sabe? Fazer algo para mudar uma situação que não te faz bem, transformar as coisas, ter seus próprios compromissos, suas obrigações, desejos só seus.

Karin abre o armário, mexe nas roupas, retira um vestido do armário. troca de roupa enquanto fala.

Eu sei que você estava na porta no dia que aquele homem me trouxe em casa. Eu vi. E você queria que eu soubesse que você estava lá. E eu, sabendo que você estava observando, deixei que ele me tocasse: deixei que a mão dele abaixasse a alça do meu vestido e que ele acariciasse meu peito e eu olhei pra você através da porta de vidro quando peguei no pau dele e você sabia que eu sabia que você estava olhando quando ele me encostou na parede e colocou o pau pra fora. Eu olhei pra você durante todo o tempo em que ele meteu em mim no hall de entrada e eu tirei os sapatos antes de entrar pra não fazer nenhum barulho, e você fingiu que estava dormindo. Você fingiu tão bem que eu quase acreditei que tinha te imaginado vendo a gente fodendo. Você fingiu que estava dormindo como você fingia se retirar quando eu e Petra íamos pra cama, e ficava atrás da porta me ouvindo gemer enquanto a gente trepava. Eu via seus pés por baixo da porta e gemia

mais alto porque eu queria que você abrisse a porta, que você fizesse alguma coisa, que você agisse, falasse alguma coisa. *(vira-se de costas para Marlene para que ela a ajude a fechar o vestido)* Eu achei que se eu traísse Petra na sua frente, você tomaria alguma ação. Então eu me arrumei e saí pra caçar o homem mais bonito que pudesse encontrar pra me trazer em casa. Eu queria causar uma impressão. E eu vim pra casa com ele quando já estava amanhecendo, sabendo que ela teria bebido demais achando que eu nunca voltaria, que eu tinha ido embora pra sempre. Ela teria bebido até apagar e nada acordaria ela. Você não: você teria tirado os sapatos dela e a colocado na cama, e tirado a taça e a garrafa de vidro de perto pra ela não se machucar. E você estaria acordada, não me esperando chegar, mas olhando ela dormir, do outro lado da sala. Quando nós chegamos aqui já era de manhãzinha e tinha bastante luz pra você assistir a tudo nos mínimos detalhes. Eu queria que você gritasse, que você deixasse qualquer coisa cair e acordasse a Petra sem querer, que você nos fotografasse e me ameaçasse com as imagens depois, que você mandasse uma carta anônima pra ela dizendo que eu tinha um caso com um homem. Mas você não fez nada.

Karin prepara mais dois drinks. *brindam. longo silêncio.*

Você acha que eu vim aqui pra te provocar, que eu vim aqui interromper a sua felicidade, não é? E eu queria acreditar que ela te fez feliz depois que eu fui embora. Eu queria que isso fosse verdade. Eu queria que você fosse feliz porque te ver escrava dela sempre foi a pior parte de estar aqui. Era quase patética a forma como você fazia tudo o que ela pedia, em qualquer momento, sem nenhum agradecimento, sem ela nunca reconhecer o que você fazia, sem nunca te olhar no olho, sem te reconhecer como um ser humano.
OLHA PRA MIM!

se encaram até que uma das duas desvie o olhar.

Difícil olhar no olho, né? É difícil perceber que eu não estou mentindo pra você. É difícil acreditar que eu não estou aqui pra te prejudicar. Eu vou dizer isso só uma vez, então presta bastante atenção: eu sabia que ela não ia estar em casa e foi por isso que eu vim. Você não precisa ter medo de mim, eu vim te salvar. Não adianta me dizer que você não quer nem precisa ser salva. Você só não sabe. Você não sabe! Então, tenta me olhar de verdade e me ouvir de verdade: eu não estou aqui pra tomar o seu lugar, eu nunca estive aqui pra tomar o seu lugar, eu nunca nem tentei tomar o seu lugar. O meu lugar nessa cama não era seu antes de mim. Eu tenho certeza que ela usou o seu amor contra você, que ela te colocou pra dormir no lugar que costumava ser meu e que nunca tinha sido seu na cama. (passa a mão no vestido, olha para ela) Ela te fazia vestir as minhas roupas? Quantas vezes você vestiu esse vestido pra que ela te abraçasse e tivesse uma pequena ilusão de que estava me tocando? Vem cá, toca o vestido. Sente como ela queria sentir quando te tocava usando o meu vestido e desejando que fosse eu dentro dele. Eu posso fazer com que você se sinta como ela. *(deita-se, encarando-a)* Vem, o tecido é macio.

Karin levanta-se, bruscamente. abre novamente o armário, pega um batom de Petra, vai até o espelho e o passa, cuidadosamente.

E se eu falar, andar, posar como ela? E se eu tiver o cheiro dela?

Karin pega um perfume de Petra, borrifa no ar e entra na nuvem perfumada.

Quando eu cheguei aqui pela primeira vez, achei que Petra era a pessoa mais elegante do mundo. Todas as ações dela pareciam ensaiadas, tudo parecia estar exatamente como deveria estar: o cabelo, a roupa, os cheiros, os sabores que me foram oferecidos, as texturas deste quarto. Parecia que eu tinha entrado em um mundo de sonho, ou num filme. Ninguém no mundo real podia ser daquele jeito. Eu não demorei pra entender que isso era verdade: ela não era perfeita. Ela era a capa de um livro muito bonito, de um manual de conduta: cheia de ordens, disciplina, verdades. O que havia de perfeição nesse espaço era você que proporcionava. Você mantinha os cheiros, as texturas e cores no lugar. Não incomodava ninguém, era quase invisível: a criada muda. Tudo na mais perfeita ordem para o prazer e a satisfação de sua ama.

Karin anda artificialmente até a vitrola e coloca uma música.

E se eu dançar como ela?

Karin tira Marlene para dançar.

Ela já dançou com você? Já te abraçou de forma suave enquanto pousava a cabeça de leve no seu ombro? Ela já te fez flutuar como se você fosse única, num outro espaço, num outro tempo que só pertencia a vocês duas e a mais ninguém? Ela já desceu as mãos pelas suas costas suavemente até tocar a sua bunda, enquanto se encaixava devagar entre as suas pernas? Ela já te deixou pousar a cabeça no peito dela, te deixou sentir o coração dela bater, a respiração ofegante na sua nuca? Ela já tocou o seu rosto com a ponta dos dedos antes de te beijar?

a música acaba.

Você não é a única. Eu aprendi a lição só pra te mostrar. Antes da Petra, meu marido já tinha me conduzido na

mesma coreografia: a cabeça no ombro, o olho no olho, as mãos deslizando pelas costas, o coração acelerado, a respiração na nuca, o flutuar... Não tem nada de mágico nisso, eles só repetem padrões, criam o clima, armam a rede e nós ficamos nos sentindo especiais. Ou você acha que é a única a ser olhada dessa forma, tocada dessa forma, guiada dessa forma? É um cenário armado, planejado nos mínimos detalhes: os cheiros, as cores, a música... Você sabe disso! Era você que montava o cenário pra ela. Era você que preparava a comida, gelava a bebida, limpava a casa, trocava os lençóis. Você estava aqui quando ela se arrumava, sabe que era tudo planejado. Você só queria que ela planejasse tudo isso pra você, que ela se arrumasse de forma falsamente despretensiosa pra você. Isso é doentio, sabia? Essa vontade de ser dominada. Isso não é amor. Eu vim te libertar! Ela ainda demora pra chegar? Tive uma ideia: vamos armar a nossa própria cena! Quem você prefere ser? Eu ou ela? Eu quero ser você! Posso?

pega um par de sapatos de Petra, ajoelha-se e calça os pés imaginários de um manequim. tem uma crise de riso.

Desculpa! Eu não sou muito boa representando a moça submissa. Tive uma ideia melhor!

calça os sapatos e assume uma atitude petulante. olha-se no espelho, ajeitando o cabelo. todos os gestos e palavras são extremamente artificiais.

Marlene, vou ditar uma carta.

Marlene senta-se em frente à máquina de escrever e datilografa enquanto Karin dita.

"Cara Marlene, venho por meio desta carta decretar a sua alforria. Você está livre. Livre para pensar, falar e sentir o que quiser. Livre para ser. Para viver o amor de uma forma menos violenta. Livre para amar quem você quiser. Livre para ser amada. Com amor, Petra."

Pronto! Era o que faltava pra eu ser você! Liberdade.

olha para Marlene, longamente. Vai até os croquis que Marlene estava desenhando.

São tão bonitos! É a nova coleção da Petra? *(Marlene não responde)* Esse aqui ficaria lindo em mim. Posso encomendar um? Quanto é? Eu posso deixar um cheque e meu endereço. Você me envia quando for lançado oficialmente. Ou: você pode me chamar pro lançamento! *(Marlene não responde)* Lembra a primeira vez que minha foto apareceu no jornal? Era o desfile da coleção primavera-verão, eu adorava aquela coleção! A Petra costumava guardar este recorte de jornal por aqui. *(Abre uma gaveta, uma pasta, tira tudo de dentro).* Aqui! *(Mostra o recorte para Marlene) "*No lançamento da nova coleção von Kant, Karin Thimm se destaca na passarela." Ah, eu era tão menina, tão deslumbrada com essa pequena fama. Eu queria ter um lugar ao sol, ser alguém, mostrar pro mundo que eu era capaz de alcançar algo sem a ajuda de homem nenhum, que eu não precisava da pena de ninguém, que eu era maior que esses coitados que me ofereciam o conforto de uma jaula com vista pro mar. E eu vim parar aqui. Não consigo deixar de ver ironia na situação. Fugindo de uma prisão, me joguei voluntariamente em outra. E se eu te contar um segredo? Se eu te falar de coisas que ninguém sabe? Se eu te contar de mim? (*Karin senta-se para retirar os sapatos de Petra.)* Você acha que sabe muito da minha vida, não é? Que eu sou essa menina mimada que sugou tudo o que podia da Petra e depois voltou pro maridinho, que eu uso a morte dos meus pais para abrir portas pra mim. "Pobre menina órfã": eu odeio esse papel! Tem tantas outras coisas que me definem. Quando eu cheguei aqui, eu disse "Petra, eu já tenho muita experiência. Eu sou uma mulher casada." Ela só ouviu o que queria ouvir e quis cuidar da "pobre menina órfã". (*Abraça Marlene por trás, fala ao seu ouvido.*) Você acha que eu me aproveitei disso, mas eu só abracei as oportunidades. Eu nunca prometi mais do que eu podia dar, foi ela que quis ver nas minhas palavras mais do que o que eu disse. Ela não pode me culpar por isso, nem você. Se você soubesse de tudo o que eu vivi com o Fred, Marlene...

Karin enche seu copo de gim, fala suavemente, sempre olhando Marlene nos olhos.

As pessoas podem ser muito cruéis com a "pobre menina órfã" só porque esperam que ela se mantenha no papel de menina indefesa e frágil. (*De frente pro espelho, tira o batom de Petra. Fala com seu próprio reflexo no espelho*) Aí veio o Fred: o príncipe encantado que me levaria pra viver num lugar melhor, ter uma vida de princesa: o sonho de toda menina. Eu deixei tudo pra trás e fui embora com ele pra Austrália. Você consegue me imaginar num país estrangeiro e sem saber falar a língua direito? Era muito difícil. Eu tinha medo de sair na rua, de me perder. E você sabe, ninguém quer contratar uma pessoa com pouca qualificação. Então, ele trabalhava, e eu ficava em casa. Eu tentava ao máximo não incomodar e ocupar meu tempo com coisas úteis e bonitas. Eu aprendi a cozinhar e todo dia testava uma receita nova pra ele. Aprendi a me maquiar e estava sempre linda quando ele chegava em casa. Aprendi a fazer dobraduras de papel e arranjos de flores, e a casa sempre tinha um novo detalhe delicado pra tentar arrancar um sorriso dele. É claro que ele nunca notava, mas eu ficava bem quietinha quando ele chegava. E como era ele quem pagava tudo, eu abaixava a cabeça quando ele era grosso; e eu pedia desculpas baixinho, afinal, ele tinha passado o dia trabalhando, e eu tinha que agradecer mesmo por ter um marido tão bom que cuidasse de mim. (*Marlene se aproxima de Karin, abre o zíper nas costas do vestido.)* Marlene, eu olhava

pra ele quando ele gritava comigo e dizia pra mim mesma "ele só não sabe demonstrar o que sente. Mas EU vou ensinar." Então eu sei como é achar que o outro não sobreviveria sem você, achar que ele é incapaz de cuidar de si mesmo apesar de ser capaz de te agredir todos os dias, achar que o outro te trata mal porque sofreu muito e está se defendendo, que ele tem medo de demonstrar amor e se machucar de novo, achar que amor é submissão, achar que o amor é estar lá no pior do outro, esperando que o melhor ainda está por vir. Mas o melhor só vem pras outras pessoas, nunca pra você. Eu sei, Marlene, acredite em mim, EU SEI.

E sei também que a Petra sabe ser carinhosa, amorosa e é capaz de cuidados quando ninguém está olhando e você guarda esses pequenos momentos de demonstração de afeto como joias raras, como pequenas provas de que ela te ama de verdade. Deixa eu te contar uma coisa: ISSO NÃO É AMOR.

Karin deixa o vestido de Petra no chão, pega sua própria roupa e se troca.

Olha... eu imagino que você tenha passado por coisas horríveis. Me conta... o que te fizeram pra você achar que não merece ser amada, pra você ver o amor de forma tão torta, pra você se calar?

FALA COMIGO!

Você não vai falar, não é mesmo? Você sabe falar? Eu queria ouvir a sua história. Me conta sobre você. Você não queria que as coisas fossem diferentes? Que alguém cuidasse um pouco de você pra variar? Há quantos anos você está nessa função de só cuidar, cuidar, cuidar da Petra e ninguém cuidando de você? Isso não te cansa? Não te faz falta um pouco de amor, de carinho, de empatia? Não tem dias em que você acorda precisando de um abraço ou que você vai dormir querendo colo?

silêncio. Marlene pega o batom e o perfume que Karin usou e os guarda de volta no lugar.

Eu sei muito bem tudo o que ela fez por mim e sou grata, muito grata por isso. Mas não dá pra confundir gratidão com escravidão. Eu nunca assinei um contrato em que tivesse que pagar com o meu amor, com a minha companhia, com a minha fidelidade ou coisa que o valha. Isso não existe! Eu não sou uma prostituta! E se ela achou isso, o problema é dela. O meu corpo não está à venda. Ela nunca me avisou que o preço da carreira que ela estava me oferecendo era a minha liberdade. Ela me abriu portas e me ensinou muitas coisas, é verdade. Nem por isso ela tem o direito de me humilhar e de me tratar como se eu fosse um objeto lapidado e possuído por ela. Eu escolhi o meu caminho. Isso não é traição. Eu sou um ser humano com vontades próprias. Eu não podia passar o resto da minha vida abaixando a cabeça pra ela em dívida eterna. Eu não vim aqui pedir desculpas pelas minhas escolhas, eu vim resgatar você. Como você chegou aqui, Marlene? Você é tão talentosa! Metade do trabalho dela foi você que fez! Pega esses croquis e vem comigo!

Karin abre a porta e olha para Marlene. Marlene estica a coberta da cama, onde Karin havia se deitado, retira o disco da vitrola e o guarda em seu lugar, pega os copos de drinks *e sai para a cozinha. Karin fica parada na porta. Espera longamente. Um estouro.*

Karin: Marlene? Marlene?

Não há resposta. Karin fecha a porta e entra. Vai até a cozinha. O quarto fica vazio por instantes. Marlene volta carregando uma bandeja com uma garrafa de champagne *aberta, Karin, logo atrás, traz duas taças vazias. Marlene serve as duas taças.*

Karin: À liberdade!

brindam. olho no olho.

Karin: Você não tem vontade de ver o seu trabalho reconhecido? Vai me dizer que você não se sentiu nem um pouco ferida ao ver a Petra ganhando prêmios com uma coleção desenhada por você? Eu VI isso acontecer, Marlene. Eu vi você trabalhando dia e noite: desenhando, costurando, fazendo acabamentos. Ninguém me contou isso, Marlene! Eu estava aqui o tempo todo vendo ela te sugar. Até quando você vai deixar isso acontecer? Você pode ter o mundo. Eu vim te salvar!

Marlene: As borboletas vivem, em média, duas semanas.

Karin: Não acredito, você fala! Um brinde! Um brinde à voz de Marlene!

Karin enche as taças, mas bebe sem brindar.

(continua no próximo número)

[Carol Pitzer, dramaturga, São Paulo, SP]

FRANCISCA, O COELHO, O CACHORRO E AS GALINHAS

Francisquinha acordou cedo na véspera do seu aniversário de oito anos. Estava radiante. Madrugou porque queria ver o seu presente antecipado. Correu ainda de camisola para o quintal, seguida pelo seu cachorro Alegria. Sabia que iria ganhar o que havia pedido durante o ano inteiro: um coelho. Já tinha até pensado em um nome: Felicidade. Seu pai disse que o presente chegaria à noite e o colocaria para dormir no quintal, dentro do cercadinho com as galinhas. A menina adorou a ideia. Enfeitou o galinheiro e conversou com as galinhas sobre o novo morador. Pediu que todas recebessem bem Felicidade. Quando Francisquinha chegou ao quintal, toda sua família já estava em volta do cercado. A mãe ainda tentou segurar Francisquinha, mas não conseguiu. A menina viu dentro do cercado o corpo de Felicidade. Estava destroçado. Tudo em torno do pequeno cadáver era vermelho. Francisquinha ficou paralisada e boquiaberta. Felicidade acabou ali.

FRANCISQUINHA – Quem fez isso?
PRIMEIRO IRMÃO – As galinhas.
SEGUNDO IRMÃO – Devem ter estranhado o coelho.
FRANCISQUINHA – Quem estranha felicidade?

Não ouve resposta. Ninguém sabia responder.

PRIMEIRO IRMÃO – Quem olha para elas nem imagina, não é?
TIA – Uma galinha é capaz de tudo! De tudo!
AVÓ – Que horror!

O que mais doeu em Francisquinha foi perceber que elas dormiam, empoleiradas, como se nada tivesse acontecido. Os bicos sujos de sangue e, ainda assim, dormiam. Todas as sete. A mãe ajoelhou-se e abraçou a menina.

MÃE – Sinto muito, filha. Se quiser chorar, chora. Faz bem.

Francisquinha não chorou. Respirou fundo, desvencilhou-se dos braços da mãe e voltou para dentro da casa. Passou o dia pelos cantos em silêncio profundo e doloroso. O cachorro por diversas vezes aproximou-se e lambeu a mão da menina.

FRANCISQUINHA – Sai de perto de mim, Alegria!

Antes de dormir, fez anotações em um caderninho e o guardou em uma cômoda próxima à cama. Nos dias que se seguiram, Francisquinha rejeitava todo tipo de comida, vomitava tudo. A mãe, desesperada, tentava.

MÃE – Vou fazer uma canja.
FRANCISQUINHA – De onde vai ser a galinha?
MÃE – Do mercado.
FRANCISQUINHA – Não quero.
MÃE – Filha!
FRANCISQUINHA – Tomo a canja toda, mas tem que ser de galinha de quintal. Do nosso quintal.
MÃE – Filha!

Daí em diante a mãe perguntava como ela queria e fazia de acordo com o desejo da criança. A última galinha foi morta e servida ao molho pardo. Francisquinha comeu a coxa e, quando engoliu o último pedaço, chorou. Chorou muito, e todos na mesa ficaram em silêncio olhando a menina.

FRANCISQUINHA - No meu próximo aniversário eu quero um coelho.

PAI – O que você quiser, minha filha. O que você quiser.

FRANCISQUINHA – Nunca mais na minha vida eu como galinha. Não gosto mais delas.

No dia seguinte, Francisquinha acordou tarde e, agitada, foi brincar. Ria muito, ria alto. Ao ouvir os risos, a mãe também ficou contente. Continuou a arrumar o quarto da menina e na cômoda viu uma lista com sete nomes riscados. A partir de amanhã eu só comerei galinha. De tudo quanto é jeito. Uma por uma. Uma canja de ~~Sônia. Terezinha~~ cozida com batatas. ~~Manuela~~ assada. ~~*Arlete* cozida com cenouras.~~ ~~*Carlota* desfiada no molho de tomate.~~ ~~*Maria* no churrasco.~~ ~~*Joaquina* ao molho pardo.~~ *O que eu não conseguir comer, dou pra Alegria.* A mãe ficou arrepiada. Decidiu nada fazer. Há tempo não via a filha tão feliz.

AMENDOIM

RITA - Cosminho, vendeu tudo?

Essa era a pergunta que Cosme ouvia todas as noites antes de dormir, desde que passou a vender amendoim, desde que a mãe ficou doente. chegava tarde. cansado, guardava as bandejas, tomava banho de cuia, comia o que tinha, quando tinha. com cuidado, passava pelos irmãos mais novos, Luiz e Tonho, e se deitava no chão, ao pé da cama.

Rita, a mãe, quase nunca dormia, só tossia e esperava a sua chegada. no peito, além da doença, pesavam duas preocupações: que ele chegasse e que tivesse vendido alguma coisa.

COSME - Bença, Mainha.

RITA - Deus te abençoe.

Cosme dormia.

Cedo, Rita torrava os amendoins no fogareiro improvisado no quintal do barraco enquanto Cosme ia para a escola. Ele e os irmãos estudavam pela merenda. Entravam na fila algumas vezes e comiam mesmo depois de cheios.

Quando chegava à casa, as bandejas com os saquinhos de amendoim já estavam prontas aguardando por ele. Levava-as na cabeça. Não sentia mais o peso. Costume.

Antes de começar a vender, passava no campinho e jogava futebol. Uma diversão. A única. Brincava uma horinha e depois corria às ruas. Só retornava quando a mãe e os dois irmãos já estavam deitados. Luiz e Tonho em sono solto e despreocupado. Rita em tosse e vigília. Assim se seguiam dias, semanas, meses. Rita não lavava mais roupa pra fora. Não fazia mais faxina. A tosse impedia. Restava o amendoim. Restava Cosme.

Uma noite, Cosme entrou em casa e viu a vizinha sentada à beirada da cama próxima a Luiz e Tonho.

VIZINHA - Oh, meu filho, sua mãe...

Cosme não ouviu. Olhou para os irmãos deitados na cama. Olhou para as bandejas em suas mãos. Vazias. Vazio.

VIZINHA - Eu vou procurar pelo pai de vocês. Enquanto isso, a gente vai se arranjando.

Nesta noite não houve pergunta. Não houve benção. Não houve sono. Na manhã seguinte, Cosme não foi para a escola. Foi para o quintal e acendeu o fogareiro. Começou a separar os amendoins. Luiz aproximou-se devagar e começou a fazer o mesmo. Fizeram tudo em silêncio, observados por Tonho na soleira da porta. Mais tarde, Cosme arrumou os irmãos para a escola e saiu para vender amendoim. Passou pelo campinho de futebol e não atendeu ao chamado das outras crianças. Correu ruas. Chegou tarde. Tentou fazer silêncio, mas Luiz o esperava.

LUIZ - Cosminho, vendeu tudo?

Cosme não respondeu para não chorar. Guardou as bandejas. Deitou-se na cama. Dividiu o lençol com os irmãos. Dormiu sem sonhos. Com ele, só o peso de uma idade. Nove anos.

[Gildon Oliveira, dramaturgo, Salvador, BA]